

FRANCISCO JOSÉ TERROSO CEPEDA

A AGRICULTURA NOS DISTRITOS DE BRAGANÇA E VILA REAL

(Indicadores Económico / Agrícolas)

Edição :

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA



Série
"ESTUDOS"

FRANCISCO JOSÉ TERROSO CEPEDA

A AGRICULTURA NOS DISTRITOS DE BRAGANÇA E VILA REAL

(Indicadores Económico / Agrícolas)

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

A JOURNAL OF THE
SOCIETY OF AMERICAN HISTORIANS
PUBLISHED BY THE UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

PREFÁCIO

Trás-Os-Montes é uma região natural com características próprias, resultantes não só da sua fisiografia mas também da ocupação humana a qual, desde há séculos, tem modelado a sua superfície, conduzindo a tipos de paisagem bem característicos.

Região fechada do litoral por relevos costeiros de certa importância (Soajo, Gerês, Larouco, Barroso, Alvão e Marão) cujas altitudes culminam no Larouco com 1545 metros, conduzem a uma situação climática de clima extremo que a sua distância ao mar o não faz prever.

A sua fisiografia tem características de planalto profundamente dissecado pela rede de rios que convergem para o Douro; Pinhão, Tinhela, Tâmega, Tua e Sabor e que ao mesmo tempo levam influências climáticas do tipo mediterrânico até às zonas do denominado Alto Portugal.

Estas condições determinam situações climáticas muito variadas pois a altitude, a exposição e a fisiografia contribuem para um mosaico de situações que é bem expresso na variedade de tipos culturais.

Na Terra Quente, com um período de deficiência de água que varia entre os cinco e os sete meses, dominam a cultura de sequeiro à base de uma cerealicultura deficitária, da ovinicultura, dos frutos secos (amêndoas) e olivicultura. Nas zonas regadas, Vale da Vilariga e Mirandela, a intensificação cultural é muito grande e aparecem as culturas hortícolas de grande rendimento económico.

O Douro, unidade geográfica de características próprias, é dominada pela cultura da vinha que apresenta a sua máxima intensidade cultural no denominado baixo e cima Corgo.

O Douro Superior, igualmente apto para esta cultura, produz vinhos generosos de alta qualidade, e recentemente é palco da instalação de pomares de Citrinos e Oliveiras para azeitona de conserva. Não nos podemos esquecer que é nesta zona onde se localizam talvez os mais extensos pomares de amendoeiras os quais, devido ao acidentado do terreno, produzem efeito paisagístico invulgar.

A Terra Fria, envolvendo os vales profundos, é caracterizada por invernos mais longos e a deficiência de água reduz-se a menos de três a quatro meses. Apenas no seu sector oriental, Planalto de Miranda, é que esta deficiência é semelhante à da Terra Quente.

É uma zona de florestas de folhosas com base no Carvalho Negral e no Castanheiro, associado a extensos prados permanentes. Aqui, os sistemas de agricultura assentam na actividade pecuária com base na bovini-

cultura. A cerealicultura, com predomínio para o centeio e a batata, nomeadamente a de semente, são as outras culturas dominantes.

Como a agricultura desta região é baseada no clássico afolhamento de pousio, a produção ovina tem também uma expressão grande, só que é diferente da exploração ovina da Terra Quente visto que não aproveita tecnologicamente o leite.

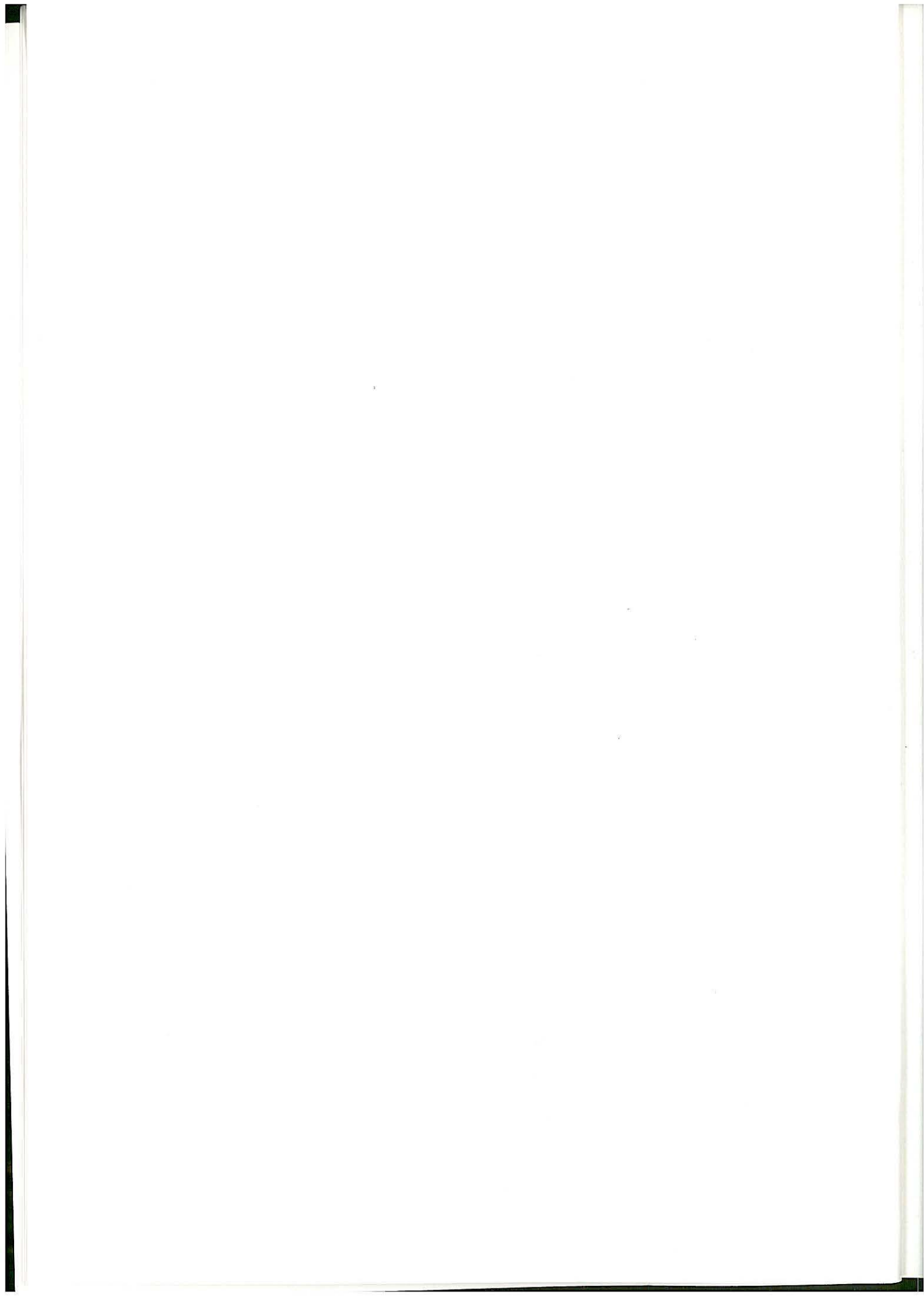
O trabalho realizado pelo Dr. Francisco Cepeda é um diagnóstico económico da situação da agricultura transmontana através das suas mais importantes componentes.

Da leitura dos valores obtidos para os diversos indicadores chega-se à conclusão de quanto terá que evoluir a agricultura da região para poder competir, dentro dos próximos sete anos, com os produtos agrícolas dos países da C.E.E..

O diagnóstico está feito ; espera-se que os responsáveis deste País não descurem a "cura" urgente a este corpo enfermo chamado Agricultura Transmontana.

Dionísio Afonso Gonçalves

Bragança, Julho/85



1. INTRODUÇÃO

A entrada de Portugal nas Comunidades Europeias em Janeiro de 1986 vai implicar uma profunda transformação no panorama agrícola português, única forma do sector poder sobreviver face à grande competição que o espera.

O razoável período de transição negociado não pode ser motivo para adiamento das medidas de fundo que urge concretizar, mas sim deve encarar-se como o limite temporal de um plano devidamente estruturado, com objectivos precisos e quantificados, com uma estratégia perfeitamente adequada a tais objectivos e elaborada a partir de uma avaliação correcta da situação actual da agricultura portuguesa, nas diferentes regiões.

Não é mais possível o adiar a tomada de medidas tendentes à modificação e modernização do sector primário; a situação conjuntural que o país atravessa não se compadece com o perpetuar de um Ontem igual ao Hoje e ao Sempre; o ciclo da Europa que agora se inicia representa o maior desafio que Portugal lança a si próprio após a época áurea dos descobrimentos, desafio que exige e pressupõe um congregar de esforços, uma vontade colectiva de

vencer e dobrar o novo Cabo das Tormentas.

O repto lançado à agricultura do país exige um conhecimento perfeito da realidade actual do sector, do todo nacional e das diferentes partes; como escrevia Pereira Coutinho (1877) *este conhecimento é que há-de ser depois a base de todos os estudos e esforços.*⁽¹⁾

Com este trabalho pretende-se dar um contributo para um diagnóstico da situação da agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real que sirva, fundamentalmente, de ponto de partida a um planeamento correcto, estruturado a nível regional, e articulado com as grandes orientações a definir, de imediato, pelos órgãos centrais.

A dificuldade em obter dados estatísticos actualizados e a deficiência tradicional das estatísticas agrícolas portuguesas, nomeadamente quanto ao grau de desagregação, condicionaram a realização deste trabalho, obrigando-nos muitas vezes a recorrer a valores pouco recentes.

Para Henrique de Barros (1972) *a estrutura agrária é o ambiente ou quadro histórico institucional em cujo interior e em subordinação a cujas exigências e inibições decorre a actividade produtiva agro-pecuária e florestal. Compreende assim o regime de propriedade da terra, a estrutura da exploração, os tipos de empresa, os sistemas do inquilinato rural, a composição da popu-*

(1) Coutinho, António Xavier Pereira - A Quinta Districtal de Bragança no Anno Agrícola de 1875 a 1876 - Porto (1877)

lação agrícola, os contratos de prestação de serviços, as relações com o Estado e as organizações agrícolas, os níveis de preparação geral e profissional, o equipamento do sector agrícola e as características da sua tecnologia, etc.(1)

Vamos pois debruçar-nos sobre a estrutura agrária dos distritos de Bragança e Vila Real através da apresentação de um conjunto de indicadores económico-agrícolas tentando, sempre que possível, apresentar relações entre eles e extraíndo as ilações decorrentes.

(1) Barros, Henrique de - A Estrutura Agrária Portuguesa - Lisboa (1972)

2. O PRODUTO AGRÍCOLA BRUTO (PAB) NA REGIÃO

Em termos de economia regional a maior ou menor predominância do sector agrícola pode ser medida através do "peso" que o PAB representa na formação do produto interno bruto (PIB) da região considerada.

QUADRO I
PERCENTAGEM DO PAB NO PIB

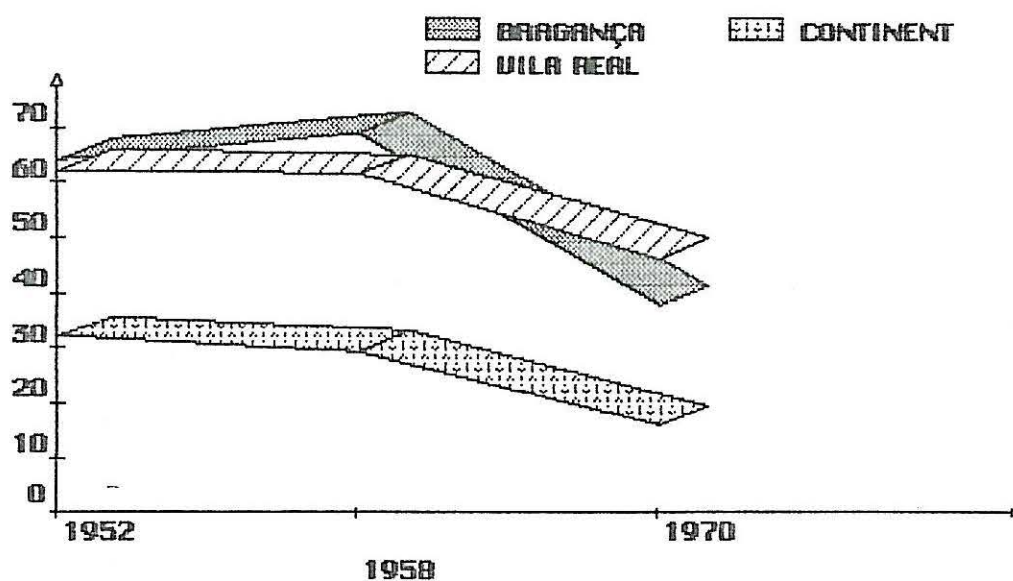
DISTRITOS	1952 (%)	1958 (%)	1970 (%)
Bragança	63.8	68.8	37.7
Vila Real	62.0	61.3	46.2
Continente	31.7	29.4	16.2

Fonte: INE - Repartição Regional do Produto - Lisboa 1974

Os valores do Quadro I evidenciam a importância do sector agrícola nos distritos de Bragança e Vila Real nos anos de 1952 e 1958, com contribuições superiores a 60% na formação do PIB distrital. Nestes períodos de tempo apenas os distritos alentejanos tiveram uma maior contribuição do sector primário para a formação da riqueza produzida localmente.

Em termos de contribuição para a formação do PIB a importância da agricultura diminuiu de 1958 a 1970 (Gráfico 1), fenómeno comum a todos os distritos do Continente e a que não é estranho, por um lado, o "incremento" da industrialização do País levada a cabo na década de 60 e, por outro, o grande surto

GRAFICO I
PERCENTAGEM DO PAB NO PIB



emigratório verificado nessa década que muito afectou o sector primário dos distritos de Bragança e Vila Real.

Mesmo assim os valores apresentados em 1970 continuam a ser dos mais elevados do País, mantendo os dois distritos as suas posições relativas quanto à contribuição do PAB no PIB distrital.

3. POPULAÇÃO ACTIVA AGRÍCOLA

Com base nos dados dos diferentes e sucessivos Censos Populacionais elaborámos o Quadro II com vista a uma melhor apreciação da variação da população activa agrícola nos distritos de Bragança e Vila Real.

QUADRO II

POPULAÇÃO ACTIVA AGRÍCOLA NA POPULAÇÃO ACTIVA TOTAL

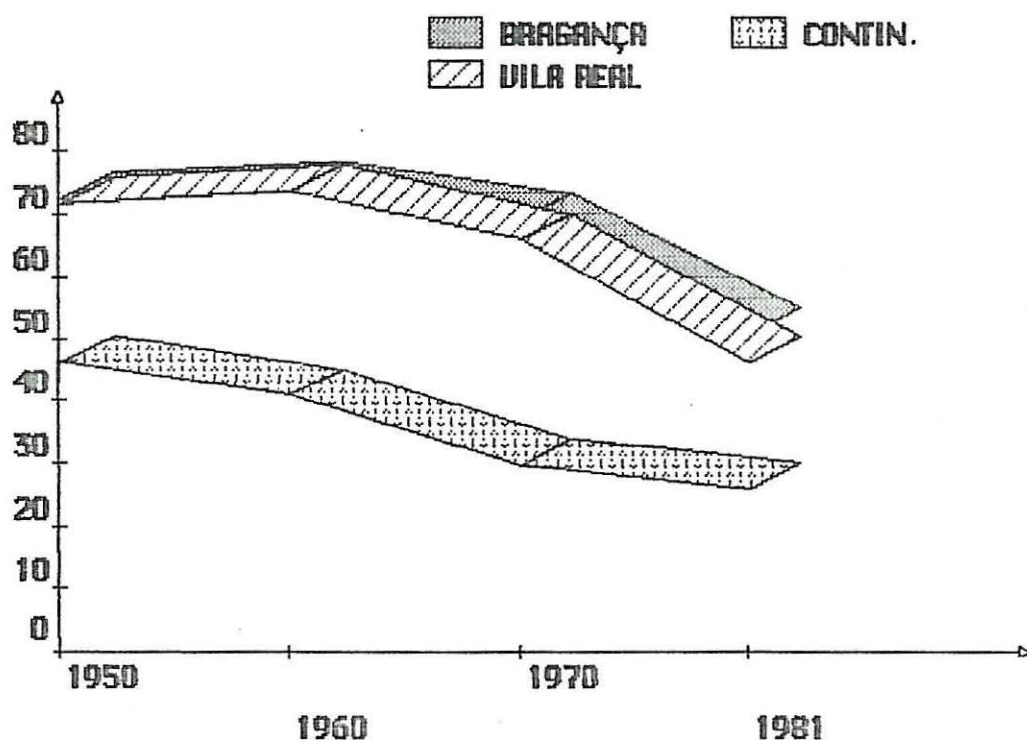
(%)

ANOS DISTRITOS	1950	1960	1970	1981	Decréscimos (pontos)			
					1950-60	1960-70	1970-81	1950-81
Bragança	73.4	75.0	70.3	51.4	-1.6	4.7	18.9	22.0
Vila Real	72.7	74.8	66.8	46.8	-2.1	8.0	20.0	25.9
Continente	47.0	41.5	30.0	26.5	5.5	11.5	3.5	20.5

Da leitura dos dados constata-se um fenómeno sintomático e esclarecedor do processo de (de)crescimento económico

verificado entre 1950 e 1960: nos dois distritos aumentou a percentagem da população activa agrícola, única excepção ao verificado nos restantes.

GRÁFICO II
% POPULAÇÃO ACTIVA AGRÍCOLA NA POPULAÇÃO ACTIVA TOTAL



Confrontando este aumento da população activa agrícola com a tese de Colin Clark(1) segundo a qual *o progresso*

(1) Clark, Colin - Os Problemas Fundamentais do Crescimento Económico - I.S.E. (1977)

económico se caracteriza por um deslocamento progressivo da população activa da agricultura para os sectores da indústria e dos serviços, podemos concluir ter havido agravamento das assimetrias regionais da 1950 a 1960 entre os dois distritos e os restantes do continente.

Na década de 1960/1970 (Gráfico II) assiste-se a uma diminuição da população activa agrícola em ambos os distritos, mais evidente no de Vila Real. A atracção exercida pelo Porto e por Lisboa(1) onde a indústria se impunha e oferecia salários nunca vistos na agricultura, o desenvolvimento do sector dos serviços nestes distritos do interior e a emigração para França(2) e Alemanha foram os principais factores explicativos desta redução da população activa agrícola.

É de notar, contudo, que o citado decréscimo foi dos menores do país, especialmente no que respeita a Bragança, apesar do enorme surto migratório verificado neste distrito.

De 1970 a 1981 continua a redução da percentagem da população activa agrícola nos dois distritos, resultante de uma mecanização agrícola acentuada mas insuficiente, e de um aumento significativo dos sectores não-agrícolas, especialmente dos serviços (educação, comércio, bancos, seguros, etc).

(1) Serrão, Joel (1982) - A Emigração Portuguesa

"Porto e Lisboa recebiam anualmente de 3 000 a 4 000 emigrantes".

(2) Serrão, Joel - Idém, idém

"Dos 55.2% dos activos que emigraram de 1960 a 1969 para França, o predomínio cabia ao sector primário (28.4%) seguido do secundário (19.4%) e pelo terciário (7.4%).

Registe-se, contudo, que as percentagens observadas em 1981 (51.4% em Bragança e 46.8% em Vila Real) são extremamente elevadas, reflectindo uma agricultura anquilosada e incapaz de competir nos mercados nacionais e internacionais.

Por falta de elementos estatísticos credíveis não foi possível fazer um estudo sobre a produtividade do sector agrícola em ambos os distritos. Podemos no entanto afirmar que o facto de se ter verificado uma redução da população activa agrícola em ambos os distritos conduziu, necessariamente, a um aumento da produtividade.

Esta afirmação foi por nós confirmada a partir de dados de 1970 relativos ao PAB/Activo e à % da População Activa Agrícola na Activa Total, nos diferentes distritos do continente.

QUADRO III
PAB/ACTIVO E % DA POPULAÇÃO ACTIVA AGRÍCOLA

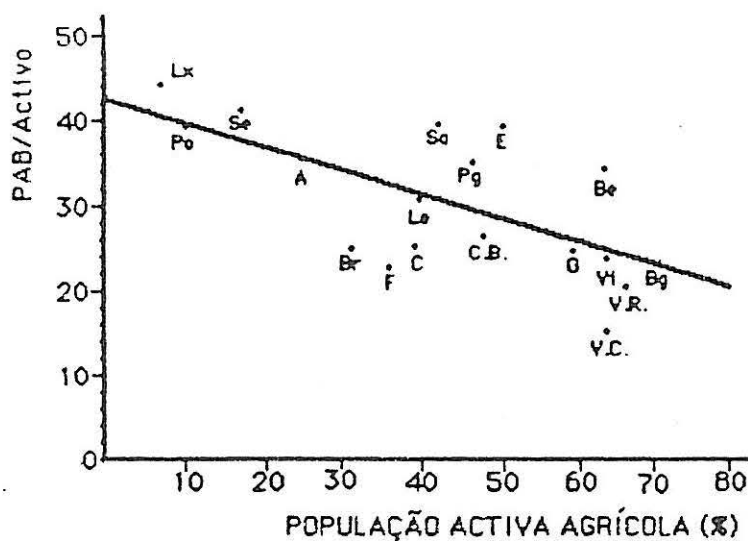
DISTRITOS	PAB/ACTIVO (1) (contos)	% DA POP. ACTIVA AGRÍCOLA (2)
Aveiro	35.7	24.6
Beja	34.5	63.4
Braga	25.0	31.4
Bragança	23.4	70.3
C. Branco	26.5	48.3
Coimbra	26.6	39.2
Évora	39.6	50.0
Faro	22.8	36.8
Guarda	24.8	59.4
Leiria	31.0	39.7
Lisboa	44.1	7.3
Portalegre	35.4	47.4
Porto	39.3	10.0
Santarém	39.4	41.8
Setúbal	41.5	17.1
V. Castelo	15.5	62.1
V. Real	20.5	66.8
Viseu	23.8	63.5

Fonte: (1) INE, Repartição Regional do Produto, 1974
(2) INE, XI Recenseamento Geral da População

Calculado o coeficiente de correlação de Pearsons entre estas duas variáveis obteve-se um valor de $r = -0.67$, o que permite afirmar haver uma correlação significativa entre o produto agrícola por activo e a percentagem da população activa agrícola.

A representação gráfica das duas variáveis anteriores (Gráfico III) demonstra também a forma como elas se relacionam. Mostra-nos igualmente o gráfico as posições extremamente desfavoráveis dos distritos de Bragança e Vila Real no que concerne a captações.

GRÁFICO III



Quantificado que foi este indicador torna-se evidente a necessidade de libertar pessoas da agricultura criando-lhes, para o efeito, postos de trabalho em indústrias que utilizem e transformem preferencialmente os outputs da agricultura. Uma tal medida

possibilitaria o início da racionalização do sector primário nos distritos de Bragança e Vila Real e, concomitantemente, criava riqueza através do valor acrescentado aos produtos agrícolas.

4. APROVEITAMENTO DO SOLO

Segundo Mário Pereira (1) *entre o aproveitamento do solo e as estruturas socioeconómicas em que se desenvolve a agricultura existem fortes relações de causa e efeito - determinadas modalidades culturais estão ligadas a certos tipos de estrutura, assim como estruturas há que conduzem a formas específicas de aproveitamento. E acrescenta ainda que o aproveitamento do solo, definido ao longo de várias gerações, é o reflexo do esforço das populações que da agricultura retiram os meios de sobrevivência, na sua luta de adaptação ao meio físico e às condições económico-políticas da sociedade em que se integram.*

Entre a utilização do solo e a estrutura agrária há uma dependência recíproca. Castro Caldas e M. Loureiro(2) afirmam

(1) Pereira, Mário - A Estrutura Agrária Portuguesa (1968-1970). CEEA, Lisboa 1979

(2) citados por Pereira, Mário - Ob. cit.

que existe estreita correlação entre a divisão da propriedade ou a organização da exploração agrícola e o grau de intensificação cultural ou a orientação técnica dada à empresa. Isto explica o dinamismo do quadro do aproveitamento de qualquer território que nunca deve ser considerado como definitivo, mas apenas a expressão materializada de um processo de desenvolvimento económico em curso, de acordo com o qual os alicerces estruturais da produção realizam uma adaptação constante às exigências da procura e às técnicas utilizadas pelos agricultores, de acordo com os mecanismos próprios de um ordenamento dinâmico.

O Serviço de Reconhecimento e Ordenação Agrário (SROA) publicou, em 1970, a Carta Agrícola e Florestal do País (Quadro IV). Os dados extraídos desta publicação são referentes a um período já bastante recuado - e daí talvez desactualizados - embora seja pacífico aceitar-se que as transformações operadas na agricultura portuguesa são extremamente lentas a nível dos grandes grupos.

Após esta chamada de atenção para a eventual desactualização dos dados, observemos o Quadro IV.

Quanto à utilização do solo é bastante diferente a situação entre si dos distritos de Bragança e Vila Real, como é igualmente diferente a situação de ambos quando comparados com a média do Continente.

Para estas diferenças contribuem decisivamente as condições naturais do meio geográfico e, fundamentalmente, a actuação do Homem ao longo dos anos com a sua atitude de equilíbrio entre a ocupação do solo e as condições técnicas de que pode dispôr.

QUADRO IV
A UTILIZAÇÃO DO SOLO NOS VÁRIOS DISTRITOS
(em percentagem da área ocupada)

Distritos	Em regadio				Em sequeiro				Culturas florestais	Culturas arro-florestais	Incultos	Área social e salinas	Total
	Total	Culturas arbóreas e arbustivas	Culturas arvenses e hortícolas	Prados permanentes	Total	Culturas arbóreas e arbustivas	Culturas arvenses e hortícolas	Prados permanentes					
Aveiro	19,1	1,9	17,1	0,1	14,7	7,4	6,9	0,4	46,0	0,1	14,6	5,5	100,0
Beja	0,3	0,1	0,2	0,0	70,1	6,4	63,7	—	2,4	24,0	2,5	0,7	100,0
Braga	29,3	4,9	24,1	0,3	7,6	2,0	5,3	0,3	33,8	0,1	26,9	2,3	100,0
Bragança	1,7	0,0	1,1	0,6	69,3	9,7	55,7	3,9	6,6	4,0	17,5	0,9	100,0
C. Branco	5,4	1,1	4,3	0,0	48,7	12,2	36,4	0,1	21,5	10,7	12,6	1,1	100,0
Coimbra	13,4	1,2	12,2	0,0	23,3	14,8	8,4	0,1	44,8	0,1	16,0	2,4	100,0
Évora	0,7	0,2	0,5	0,0	52,8	6,6	46,2	0,0	1,7	42,8	1,3	0,7	100,0
Faro	3,1	0,5	2,6	—	67,9	21,1	46,8	—	10,9	3,5	12,5	2,0	100,0
Guarda	6,6	0,6	5,9	0,1	56,0	8,6	45,0	2,4	12,8	4,5	19,3	0,8	100,0
Lêria	8,1	0,8	7,3	0,0	38,4	23,5	14,9	0,0	40,1	0,2	11,2	2,0	100,0
Lisboa	2,7	0,3	2,4	0,0	67,9	24,6	40,7	2,6	12,5	0,1	11,8	5,0	100,0
Portalegre	2,0	0,4	1,6	0,0	53,7	12,2	41,5	0,0	4,3	35,2	3,4	1,4	100,0
Porto	29,8	4,5	25,2	0,1	10,0	3,5	6,5	0,0	45,2	0,0	10,6	4,4	100,0
Santarém	5,8	1,0	4,8	0,0	48,8	27,6	19,9	1,3	26,7	11,4	5,0	2,3	100,0
Setúbal	3,3	0,3	3,0	0,0	49,6	7,1	42,5	0,0	19,3	18,8	6,5	2,5	100,0
V. do Castelo	19,2	2,3	16,7	0,2	9,1	1,4	6,8	0,9	29,8	0,2	38,2	3,5	100,0
V. Real	7,7	0,4	5,2	2,1	30,1	9,8	18,3	2,0	22,7	1,4	36,9	1,2	100,0
Viseu	15,4	3,2	11,9	0,3	23,8	9,0	14,0	0,8	33,5	1,0	24,9	1,4	100,0
CONTINENTE	7,0	1,0	5,8	0,2	47,4	11,7	34,9	0,8	18,7	12,4	12,7	1,8	100,0

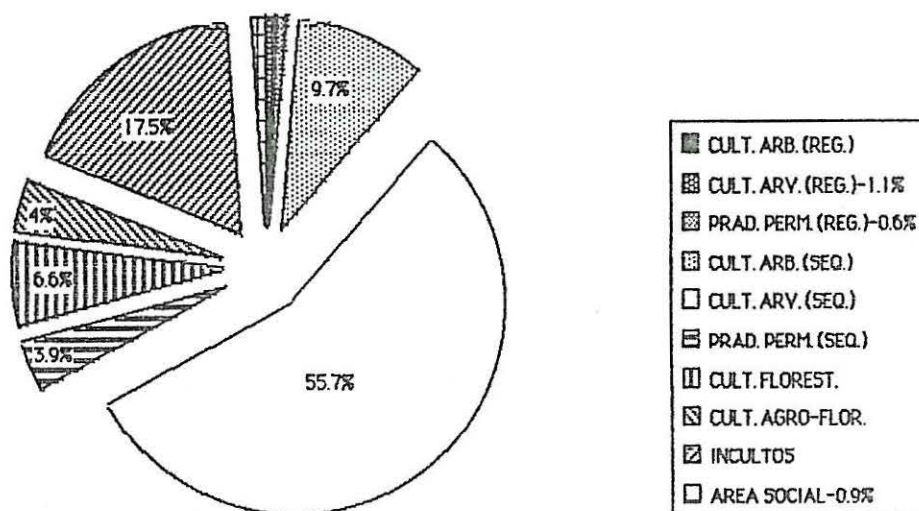
Fonte: SRDA - A utilização do solo em Portugal Continental.

Secretaria de Estado da Agricultura. Lisboa, 1970.

O Gráfico IV dá-nos uma visão clara sobre a forma como é feita a utilização do solo no distrito de Bragança, notando-se de imediato a elevada percentagem de culturas de sequeiro (69.3%) e de incultos (17.5%), e as muito reduzidas percentagens referentes a culturas de regadio (apenas 1.7% do total).

Uma tal utilização do solo exige, caso se pretenda aumentar o PAB distrital e tornar a agricultura competitiva, um aumento acentuado da área de regadio a par de uma racionalização

GRÁFICO IV
 UTILIZAÇÃO DO SOLO - DIST. BRAGANÇA (1970)

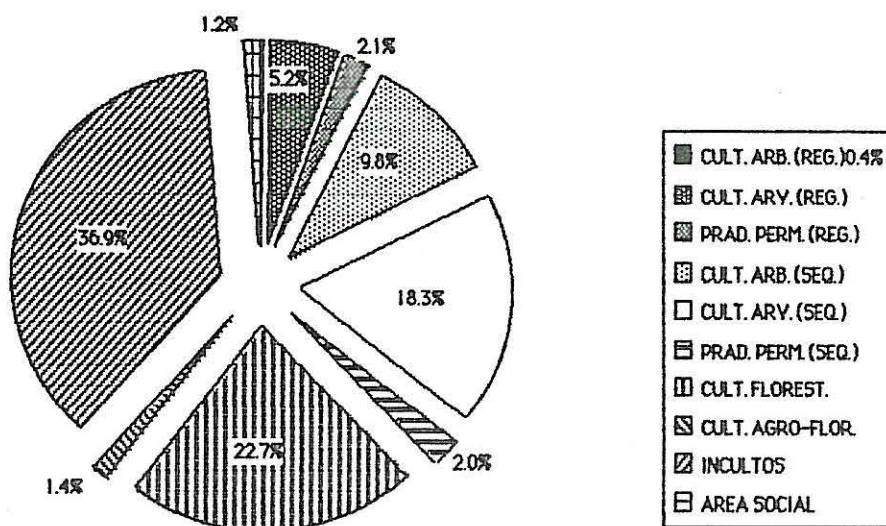


efectiva das culturas de sequeiro. De igual modo será necessário florestar muitos dos actuais terrenos incultos de molde a aumentar a contribuição do sector primário no PIB distrital.

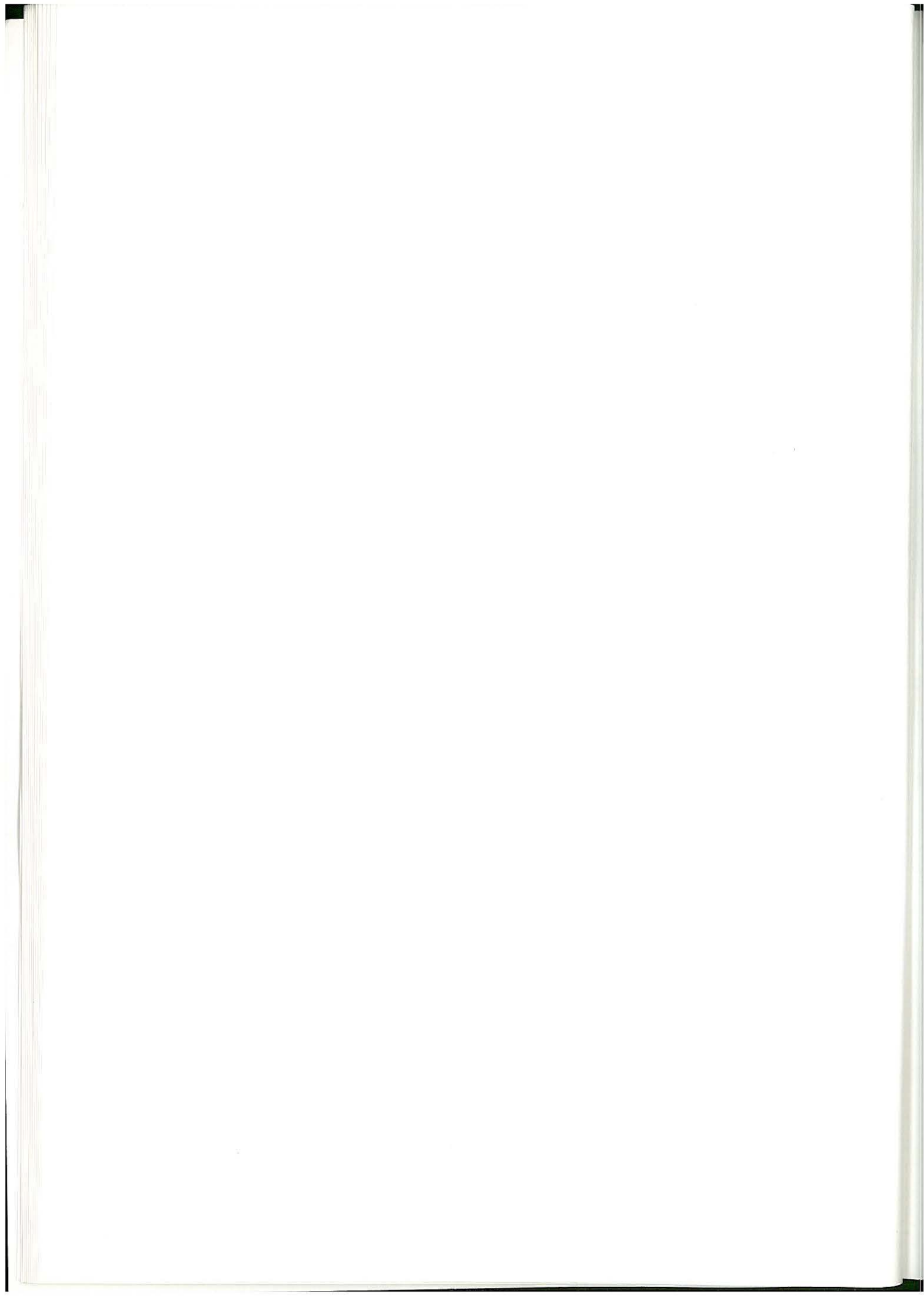
A utilização do solo no distrito de Vila Real (Gráfico V) revela uma elevada percentagem de incultos (36.9%) e de culturas florestais (22.7%), aparecendo as culturas de regadio e de sequeiro com percentagens médias; constata-se igualmente a fraca representatividade que as culturas arbóreas e arbustivas de regadio (0.4%) detêm na utilização do solo neste distrito.

Uma tal utilização do solo deveria conduzir, de imediato, à reconversão de bom número de terrenos incultos que permitiriam um aumento significativo da área cultivada e, concomitantemente, uma maior riqueza produzida no distrito. Embora a percentagem da

GRÁFICO V
 UTILIZAÇÃO DO SOLO - DIST. VILA REAL (1970)



utilização do solo com prados permanentes em regadio e em sequeiro seja significativa quando comparada com os valores médios do continente, deveria aumentar-se esta área, de molde a possibilitar um incremento de pecuária distrital.



5. SUPERFÍCIE MÉDIA DA EXPLORAÇÃO

A existência do minifúndio no Norte do País e do latifúndio no Sul têm caracterizado, ao longo dos séculos, a estrutura agrária portuguesa, podendo apontar-se como principais responsáveis do atraso do sector primário.

Segundo Mário Pereira⁽¹⁾ *o minifúndio está geralmente relacionado com uma população agrícola excessiva, iletrada, com baixo poder aquisitivo, usando técnicas anacrónicas e muito pouco permeável ao progresso. Ao latifúndio correspondem quase sempre absentismo, agricultura extensiva com deficiente aproveitamento dos recursos naturais e elevado grau de proletarização.*

Os distritos de Bragança e Vila Real enquadram-se na área do minifúndio apresentando, contudo, aspectos diferentes quanto à área média das explorações.

No Quadro V, elaborado com base nos dados fornecidos pelo

(1) Pereira, Mário - Ob. cit.

Recenseamento Agrícola do Continente de 1979, apresentamos alguns indicadores relativos à estrutura fundiária dos dois distritos.

Quanto à área média das explorações o distrito de Bragança apresenta um valor superior quer à média nacional(1) quer a Vila Real onde predominam as pequenas explorações.

QUADRO V
ESTRUTURA FUNDIÁRIA

	Area Média das Explorações (ha)	Nº de Blocos por Exploração	Area Média por Bloco (ha)
Bragança	8.15	12.1	0.67
Vila Real	6.31	8.9	0.7
Continente	6.6	6.4	1.03

Fonte: INE - Recenseamento Agrícola do Continente - 1979

Embora com mais acuidade no distrito de Vila Real podemos afirmar que em ambos os distritos a diminuta área média das explorações constitui um grave factor de estrangulamento na agricultura regional.

O número de blocos por exploração corresponde, segundo o

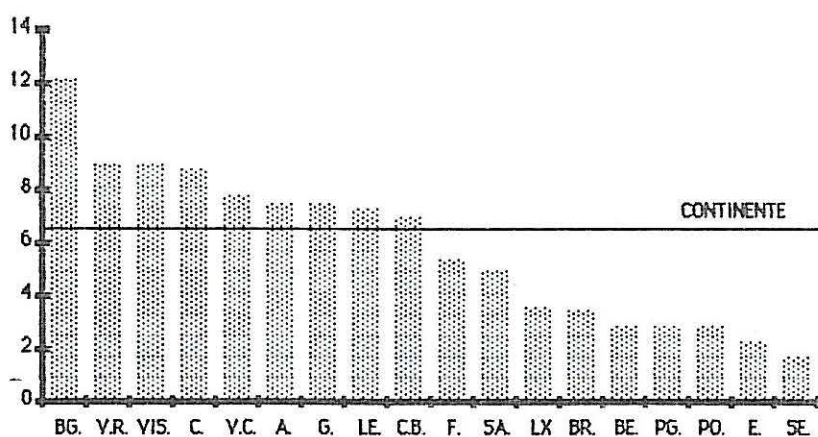
(1) A média nacional pouco significado poderá ter dada a grande variação existente nas dimensões das explorações em Portugal.

Recenseamento Agrícola de 1979, ao número de parcelas que no seu conjunto formam uma exploração agrícola, necessariamente afastadas umas das outras.

As constantes deslocações de homens e máquinas pelos diferentes blocos de uma exploração aumentam significativamente os custos de produção, contribuindo igualmente para uma baixa produtividade da mão-de-obra e dos factores de produção.

O distrito de Bragança apresenta o maior número de blocos na agricultura do país (Gráfico VI), surgindo Vila Real com o segundo maior valor. Tão elevado número de blocos é indicativo do excessivo grau de parcelamento verificado em ambos os distritos;

GRÁFICO VI
NÚMERO DE BLOCOS POR EXPLORAÇÃO
(GRAU DE PARCELAMENTO)



torna-se necessário combater este enorme pulverizar da propriedade utilizando, para tal, legislação adequada e impeditiva do parcelamento de explorações inferiores a determinada área, assim como instruir os actuais e futuros agricultores sensibilizando-os para esta problemática. No fundo, é bom não esquecer-lo, trata-se de um problema fundamentalmente cultural.

A esta situação bloqueante da agricultura dos dois distritos há que associar o facto, também negativo, da área média por bloco (Quadro V) ser, em ambos os distritos, inferior à média do Continente com valores inferiores a um hectare.

Uma tal diminuta área por bloco invalida a existência de uma agricultura economicamente evoluída, capaz de competir amanhã nos difíceis mercados da C.E.E.. Na verdade e tal como afirma Mário Pereira(1) *qual a rendabilidade que pode esperar-se de uma mecanização, mesmo moderada, da exploração pecuária inensiva, do emprego de afolhamentos racionais e do uso de eficientes métodos de gestão, em parcelas com menos de meio hectare?*

O Quadro VI foi elaborado com base em dados fornecidos pelo Recenseamento Agrícola do Continente - 1979 de forma a proporcionar uma melhor visão da problemática da área das explorações, após desagregação dos valores totais por classes de área.

(1) Pereira, Mário - Ob. cit.

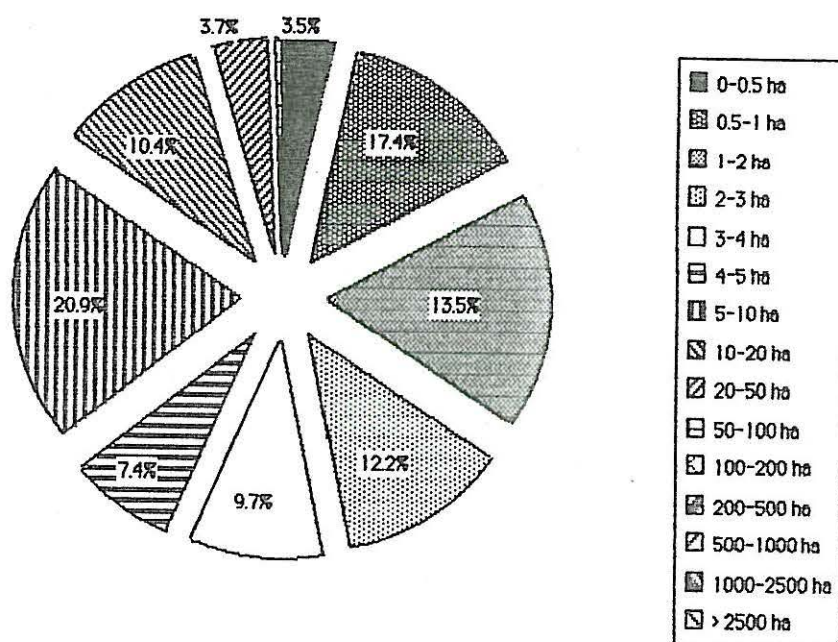
QUADRO VI
DISTRIBUIÇÃO DAS EXPLORAÇÕES POR CLASSES DE ÁREA

Classes de Área (ha)	Bragança			Vila Real		
	Nº de Explor	% do Nº	% da Área	Nº de Explor	% do Nº	% da Área
0 0.5	1216	3.5	0.2	5044	11.6	0.7
0.5 1	4578	13.5	1.6	11342	26.1	3.2
1 2	5899	17.4	4.0	10277	23.7	5.9
2 3	4152	12.2	4.6	5067	11.7	5.1
3 4	3294	9.7	5.0	3151	7.3	4.4
4 5	2539	7.4	4.9	2214	5.1	4.2
5 10	7100	20.9	21.1	4305	9.9	12.4
10 20	3544	10.4	20.2	1453	3.3	8.1
20 50	1262	3.7	15.3	402	0.9	5.5
50 100	191	0.5	6.6	65	0.1	3.7
100 200	54	0.1	3.7	35	0.09	6.2
200 500	36	0.1	4.8	29	0.08	5.3
500 1000	10	0.03	4.4	25	0.06	11.6
1000 2500	5	0.02	3.6	26	0.06	17.3
2500 e Mais	-	-	-	4	0.01	6.4

Fonte: INE - Recenseamento Agrícola do Continente - 1979

A partir da leitura do Quadro anterior e dos Gráficos VII e VIII podemos extrair várias ilacções.

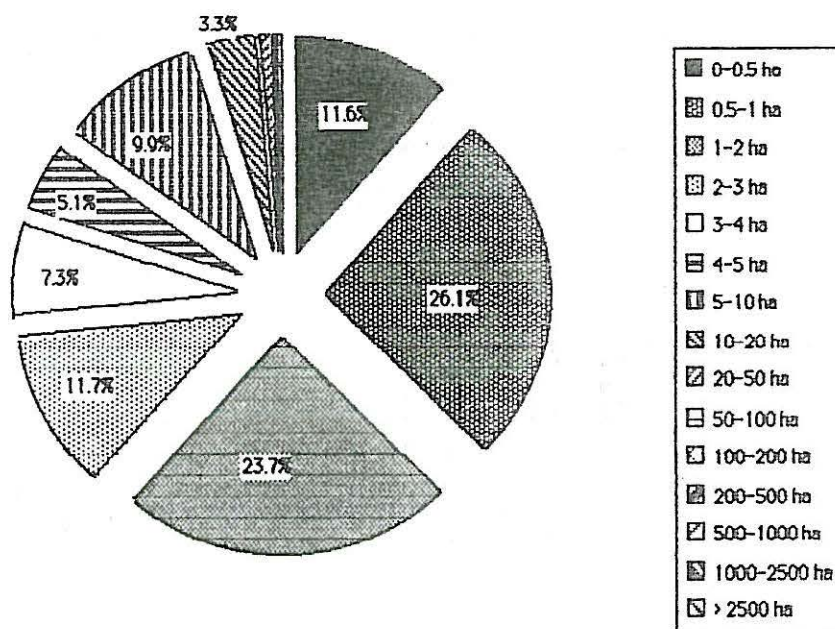
GRAFICO VII
DISTRIBUIÇÃO DAS EXPLORAÇÕES POR CLASSES DE AREA
(DISTRITO DE BRAGANÇA - 1979)



Assim, e em relação ao distrito de Bragança:

- a) 95% das explorações agrícolas têm áreas que não ultrapassam os 20 hectares;
- b) os 95% das explorações agrícolas referidas na alínea anterior apenas representam uma área de 61.6%, o que pressupõe um bom número de explorações com uma área significativa (1558 explorações com mais de 20 hectares).

GRAFICO VIII
DISTRIBUIÇÃO DAS EXPLORAÇÕES POR CLASSES DE AREA
(DISTRITO DE VILA REAL - 1979)



No que diz respeito ao distrito de Vila Real:

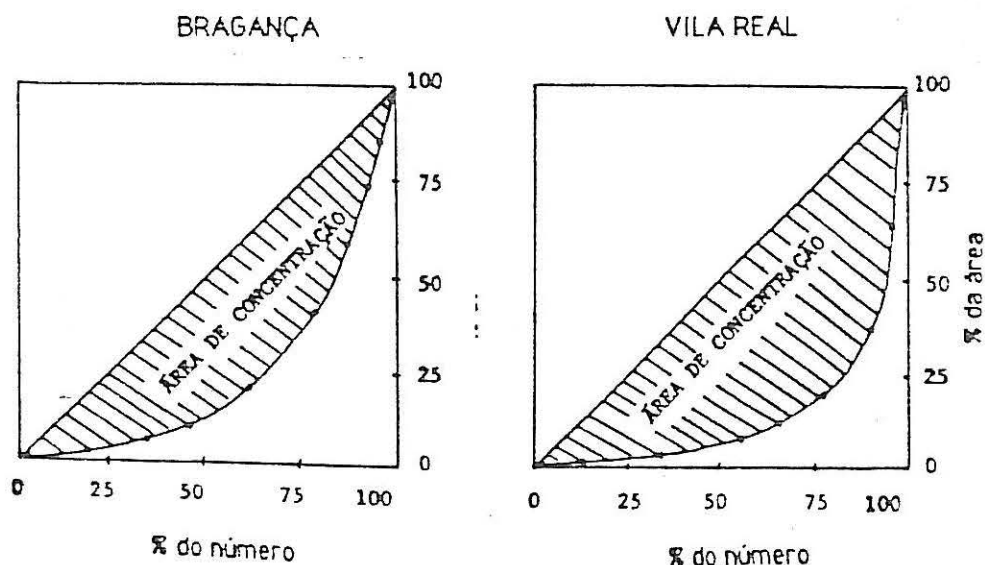
- a) 98.7% das explorações agrícolas têm áreas que não ultrapassam os 20 hectares;
- b) os 98.7% das explorações agrícolas com menos de 20 hectares correspondem a 44% da área total, revelando assim a existência de um número de explorações com áreas elevadas

(586 explorações com mais de 20 hectares). É de salientar que 51 explorações com área superior a 500 hectares representam 35.3% do total da área agrícola do distrito.

A forma como se distribuem as explorações pelas diferentes classes de área possibilita-nos uma primeira aproximação sobre o grau de concentração da exploração agrícola. A simples observação dos valores constantes no Quadro VI permitem-nos afirmar ser baixo o grau de concentração nos dois distritos.

Para uma melhor visão desta problemática vamos traçar as curvas de Lorentz para os dois distritos, e proceder à sua análise.

GRÁFICO IX
CURVAS DE LORENTZ



Quanto mais a curva se aproximar da diagonal de equidistribuição menos desigual é a distribuição, podendo o grau de concentração ser medido pela área delimitada pela curva e pela diagonal.

Entre os dois distritos, como se vê pelas curvas de Lorentz, é o de Bragança que apresenta uma distribuição menos desequilibrada da exploração agrícola.

Para quantificar o grau de concentração destes dois distritos calculámos o índice de Gini. Como se sabe este índice varia entre 0 e 1, correspondendo o valor zero a uma distribuição igualitária e 1 à concentração máxima.

QUADRO VII

CLASSES DE AREA x	VALOR CENTRAL x1	EXPLORAÇÕES f1	Y1=x1 f1	A1 = $\sum_{j=1}^i f1$	B1 = $\sum_{j=1}^i yL$	pi	qi
0 - 0.5	0.25	1216	304	1216	304	3.6	0.1
0.5 - 1	0.75	4578	3433.5	5794	3737.5	17.1	1.5
1 - 2	1.5	5899	8848.5	11693	12586	34.5	5.0
2 - 3	2.5	4152	10380	15845	22966	46.8	9.3
3 - 4	3.5	3294	11529	19139	34495	56.5	13.9
4 - 5	4.5	2539	11425.5	21678	45920.5	64.0	18.5
5 - 10	7.5	7100	53250	26778	99170.5	85.0	40.0
10 - 20	15	3544	53160	32322	152330.5	95.4	61.5
20 - 50	35	1262	44170	33584	196500.5	99.1	79.3
50 - 100	75	191	14325	33775	210825.5	99.7	85.1
100 - 200	150	54	8100	33829	218925.5	99.8	88.4
200 - 500	350	36	12600	33865	231525.5	99.9	93.4
500 - 1000	750	10	7500	33875	239025.5	99.9	96.5
1000 - 2500	1750	5	8750	33880	247775.5	100	100
						$\sum pi =$ 1001.3	$\sum qi =$ 692.5

$$pi = \frac{Ai}{An} \times 100$$

$$qi = \frac{Bi}{Bn} \times 100$$

$$I = \frac{n-1}{n-1} \frac{(pi - qi)}{pi}$$

$$I = \frac{1001.3 - 692.5}{1001.3}$$

(Bragança)

$$I = 0.308$$

(Bragança)

Pelo valor encontrado para o índice de Gini (0.308) vê-se que a distribuição das explorações no distrito de Bragança é bastante equilibrada, com um baixo grau de concentração.

QUADRO VIII
DISTRITO DE VILA REAL

CLASSES DE AREA x	VALOR CENTRAL xl	EXPLORAÇÕES fl	yl=xl fi	$Ai = \frac{1}{f} \sum fi$	$Bi = \frac{1}{f} \sum yL$	pl	ql
0 - 0.5	0.25	5044	1261	5044	1261	11.6	0.6
0.5 - 1	0.75	11342	8506.5	16386	9767.5	37.7	4.4
1 - 2	1.5	10277	15415.5	26663	25183	61.4	11.4
2 - 3	2.5	5067	12667.5	31730	37850.5	73.0	17.1
3 - 4	3.5	3151	11028.5	34881	48879	80.3	22.1
4 - 5	4.5	2214	9963	37095	58842	85.4	26.6
5 - 10	7.5	4305	32287.5	41400	91129.5	95.3	41.1
10 - 20	15	1145	21795	42853	112924.5	98.6	51.0
20 - 50	35	402	14070	43255	126994.5	99.5	57.3
50 - 100	75	65	4875	43320	131869.5	99.7	59.5
100 - 200	150	35	5250	43355	137119.5	99.8	61.9
200 - 500	350	29	10150	43384	147269.5	99.87	66.5
500 - 1000	750	25	18750	43409	166019.5	99.93	75.0
1000 - 2500	1750	26	45500	43435	211519.5	99.99	95.5
2500 E MAIS	2500	4	10000	43439	221519.5	100	100
						$\Sigma pl =$ 1242.09	$\Sigma ql =$ 690

$$I = \frac{1242.09 - 690}{1242.09}$$

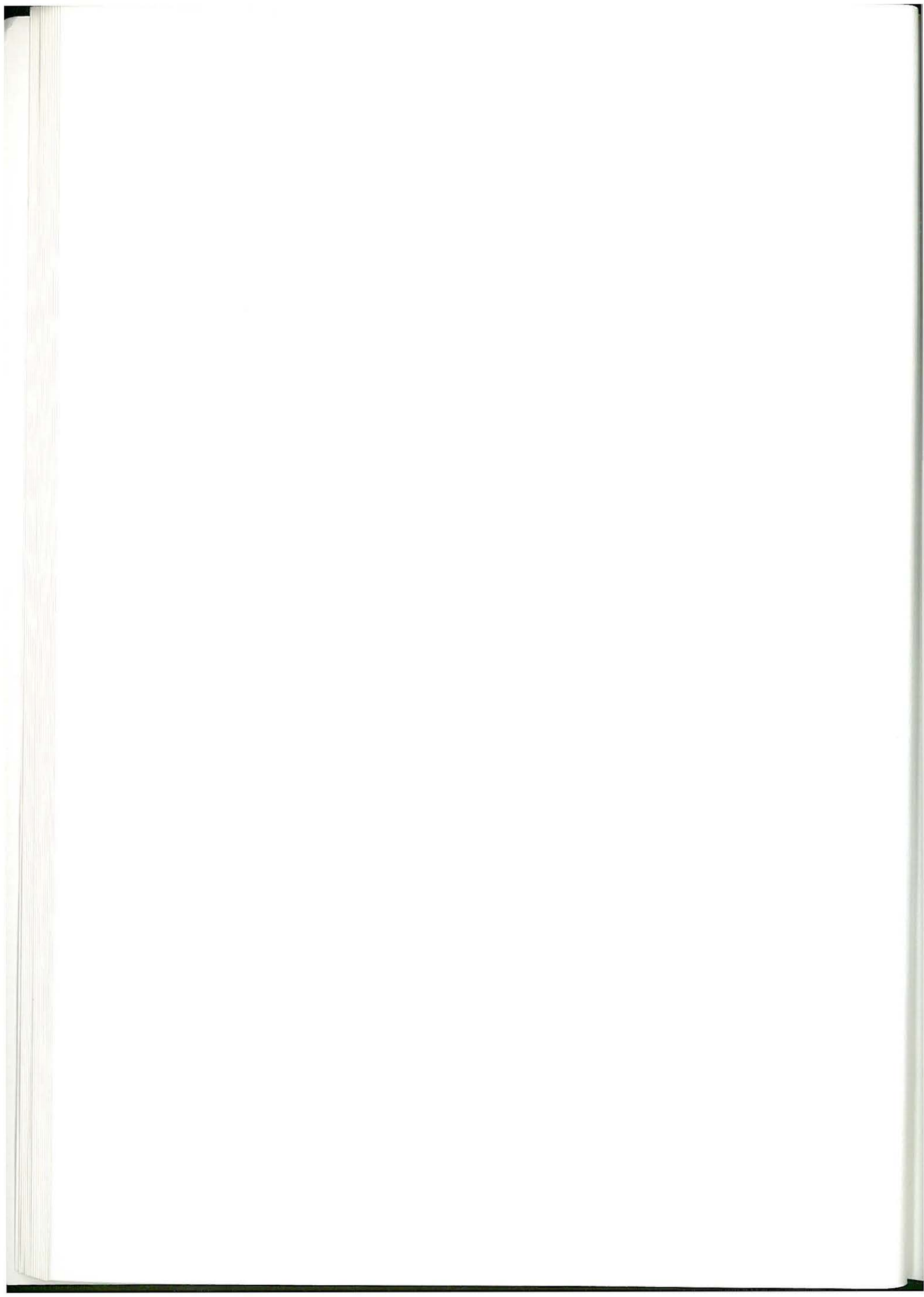
(Vila Real)

$$I = 0.444$$

(Vila Real)

O valor do índice de Gini correspondente ao distrito de Vila Real (0.444) é superior ao de Bragança, o que indica maior

desequilíbrio na distribuição das explorações. Contudo, dado que o seu valor é ainda bastante baixo, podemos afirmar que também no distrito de Vila Real o grau de concentração é diminuto.



6. EXPLORAÇÕES POR CONTA PRÓPRIA

É perfeitamente pacífico o afirmar-se que as explorações têm de desempenhar uma importante função social, a qual será tanto maior quanto o número de explorações por conta própria. Para esta realidade muito contribui a figura do proprietário-empresário sempre voltado para a valorização da sua exploração, numa tentativa constante de maximizar todos os factores de produção.

É igualmente conhecido e aceite que outras formas de exploração conduzem, normalmente, ao absentismo ou a contratos de parceria pouco compatíveis com a rendabilidade que se espera e exige das explorações.

Após estas considerações, que julgamos pacíficas, vamos descrever as formas de exploração da terra nos distritos de Bragança e Vila Real, numa tentativa de aquilatar das potencialidades que a sua agricultura oferece.

Com base nos valores apresentados no Recenseamento Agrícola do Continente de 1979 elaborámos o Quadro IX com vista à caracterização da exploração da terra em ambos os distritos.

QUADRO IX
EXPLORAÇÕES POR CONTA PRÓPRIA

DISTRITOS	% DO NUMERO	% DA AREA
Bragança	74.8	75.4
Vila Real	78.6	69.1
Continente	68.0	57.5

Fonte: INE - Recenseamento Agrícola do Continente - 1979

Com base na percentagem do número de explorações por conta própria do quadro anterior constata-se que Bragança (74.8%) e Vila Real (78.6%) apresentam valores bastante superiores à média do Continente (68%). Pode assim concluir-se que as explorações por conta própria têm um grande significado nos dois distritos.

O Recenseamento Agrícola a que vimos recorrendo indica que a obtenção da percentagem da área afecta às explorações por conta própria resultou do somatório das áreas destas explorações e das áreas das explorações mistas sujeitas àquela forma de exploração.

Estamos assim perante um indicador mais preciso e que melhor reflecte a importância das explorações por conta própria. No distrito de Bragança 75.4% da área das explorações está afecta às de conta própria, atingindo 69.1% em Vila Real.

Pode assim afirmar-se que as explorações por conta

própria têm uma enorme expressão nos dois distritos, o que contribui para o fraco significado do fenómeno do absentismo e das consequências nefastas que acarreta. Aliás, tal fenómeno só poderia ocorrer em 24.6% da área do distrito de Bragança (100-75.4%) e em 30.9% no de Vila Real (100-69.1%).

Desagregando os valores das percentagens das áreas destinadas às explorações por conta própria nos dois distritos podemos aperceber-nos melhor da incidência do fenómeno do absentismo. Para tal elaborámos o Quadro seguinte:

QUADRO X

% DA SUPERFÍCIE ABRANGIDA PELA EXPLORAÇÃO DE CONTA PRÓPRIA

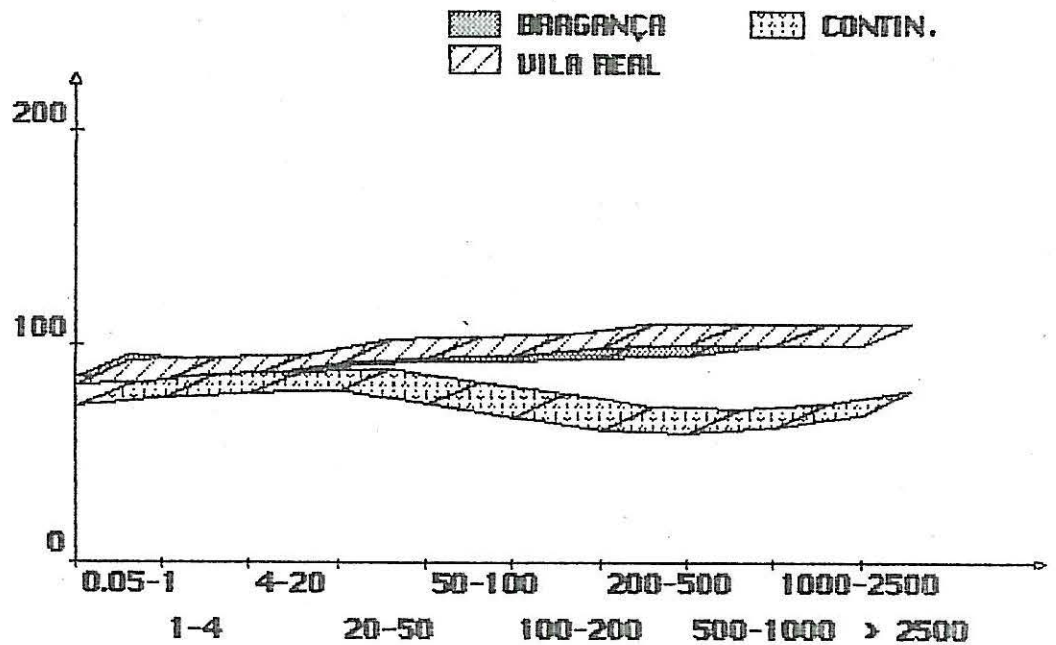
DISTRITOS	ESCALÕES DE AREA E % DA SUPERFÍCIE ABRANGIDA PELA EXPLORAÇÃO POR CONTA PRÓPRIA									
	0.05 a 1 ha	1 a 4 ha	4 a 20 ha	20 a 50 ha	50 a 100 ha	100 a 200 ha	200 a 500 ha	500 a 1000 ha	1000 a 2500 ha	> que 2500 ha
Bragança	86.0	83.1	85.6	91.2	93.0	93.3	94.5	96.4	100.0	
Vila Real	82.4	83.6	85.8	91.8	93.9	95.5	99.1	100.0		
Continente	71.6	76.4	78.8	79.2	73.5	68.1	61.2	60.3	63.1	68.6

Fonte: INE - Recenseamento Agrícola do Continente - 1979

A análise do quadro anterior e do Gráfico X mostra-nos que nos distritos de Bragança e Vila Real a hipótese de absentismo é maior nas explorações de menor superfície embora, no seu

conjunto, apresente valores extremamente diminutos.

GRÁFICO X
EXPLORAÇÃO POR CONTA PRÓPRIA



Para melhor ilustrar o que acabámos de afirmar elaborámos os Gráficos XI e XII com as áreas prováveis de absentismo, que correspondem em ambos os distritos, à parte quadriculada.

GRAFICO XI

AREA PROVAVEL DE ABSENTISMO. BRAGANÇA

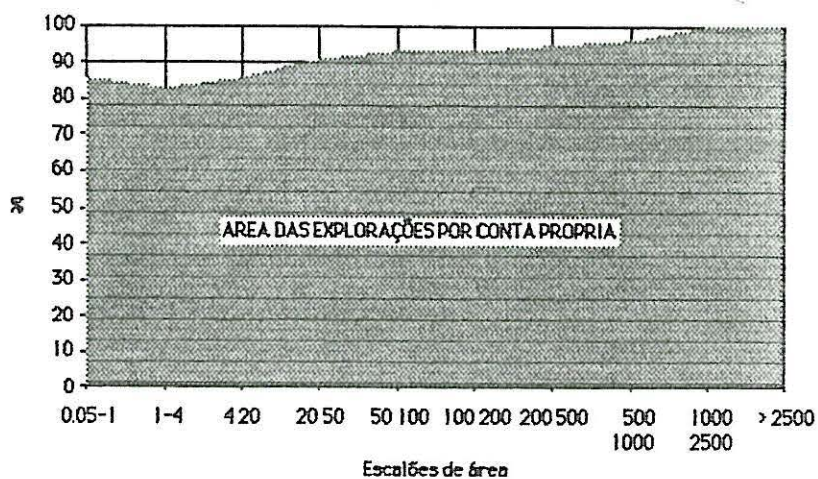
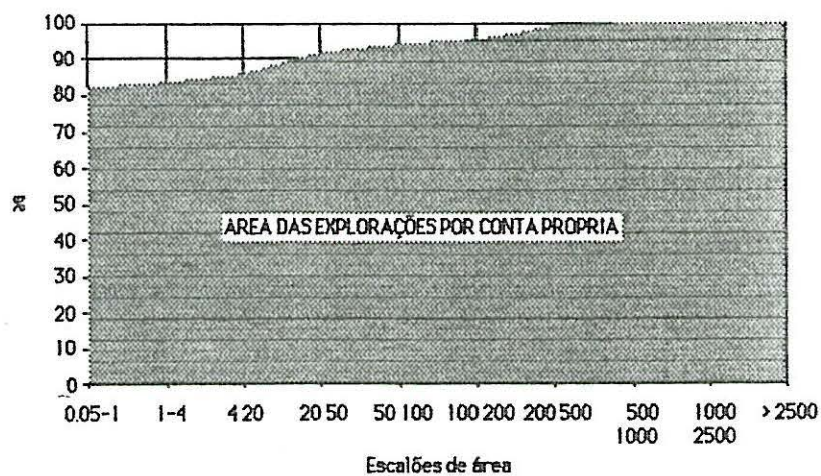
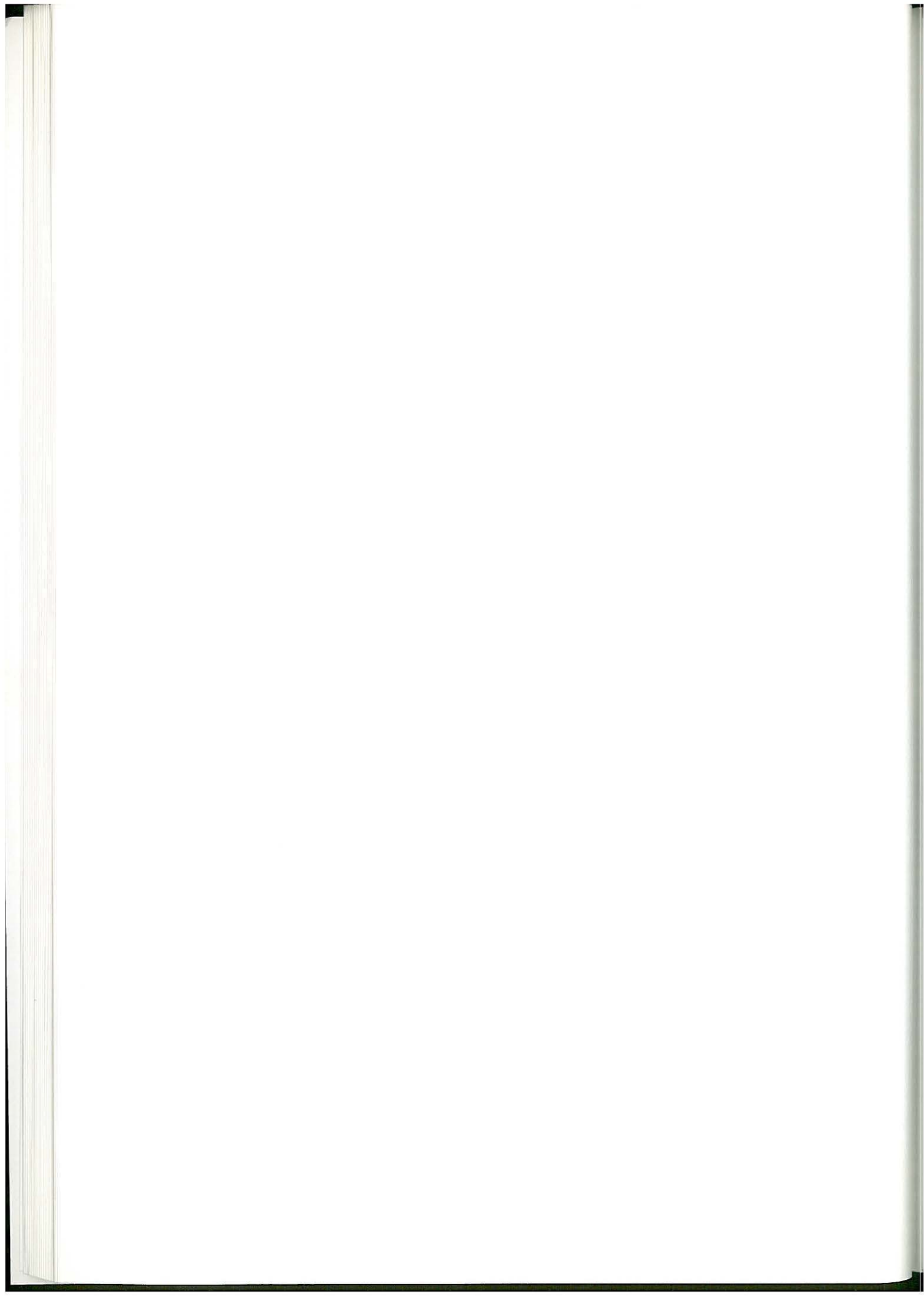


GRAFICO XII

AREA PROVAVEL DE ABSENTISMO. VILA REAL





7. DESTINO DA PRODUÇÃO

Todas as explorações agrícolas utilizam a sua produção para autoconsumo do agregado familiar, para venderem nos diferentes mercados ou, simultaneamente, para autoconsumo e venda no mercado.

Estas diferentes formas de utilização dos outputs do sector primário correspondem, grosso modo, a explorações com particularidades próprias quer no que concerne à gestão quer à tecnologia utilizada.

Quando a produção se destina no todo ou em grande parte ao autoconsumo o agricultor vê-se privado de recursos materiais e financeiros que lhe permitam adquirir sementes certificadas, adubos, pesticidas, animais, máquinas, etc. Numa tentativa de suprir tais lacunas recorre à utilização de estrumes produzidos na exploração, a instrumentos rudimentares que o próprio agricultor

consegue fabricar, à mão-de-obra familiar, etc. Um tal tipo de agricultura, com as condicionantes expostas, é marcadamente rudimentar, sem utilização de novas tecnologias e, concomitantemente, com produtividades baixas. No dizer de S. H. Franklin (1971) trata-se de *explorações familiares que se traduzem na exploração das famílias* (1).

Se a produção é encaminhada predominantemente para o mercado surge, nas explorações, a figura do agricultor-empresário, dinâmico, recorrendo a técnicas evoluídas, organizador de esquemas de gestão eficientes, verdadeiro empresário agrícola.

O destino dado à produção das explorações agrícolas é, assim, um verdadeiro indicador do estágio de desenvolvimento técnico-económico destas; daí a necessidade de verificar qual o destino primordial das produções conseguidas nas diferentes explorações dos distritos de Bragança e Vila Real.

QUADRO XI
EXPLORAÇÕES - PRODUÇÃO PARA VENDA

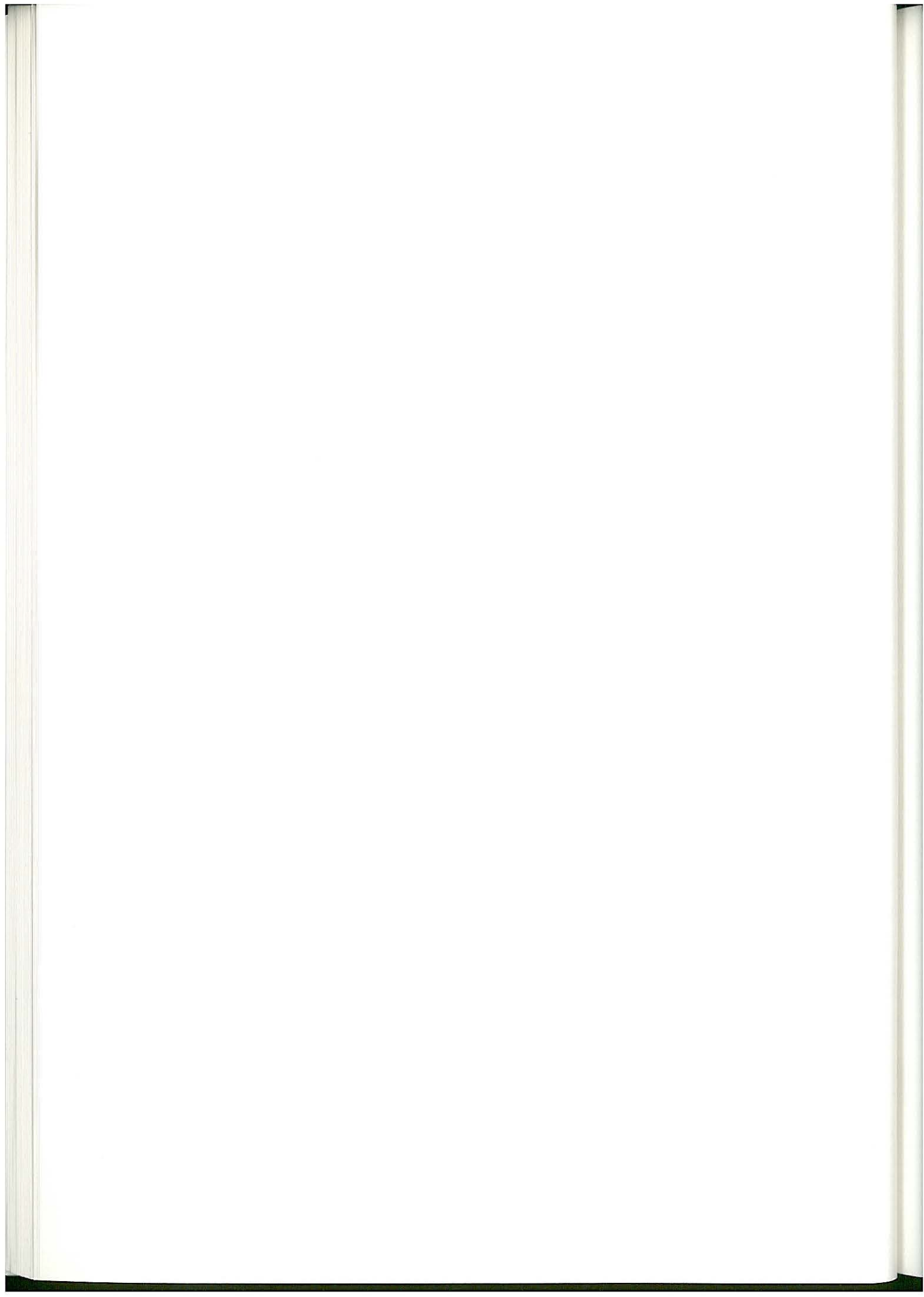
DISTRITOS	% DO NÚMERO	% DA ÁREA
Bragança	35	60
Vila Real	37	71
Continente	29	71

Fonte: INE - Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, 1968

(1) Franklin, S. H. - *Rural Societies* - Macmillan, 1971

Uma vez mais, e por falta de estatísticas agrícolas adequadas, tivemos de recorrer ao Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente de 1968, numa tentativa de conhecer o destino da produção agrícola.

Pelo quadro anterior pode verificar-se que os dois distritos destinam mais de metade da área das suas explorações à produção para venda (60% e 55% respectivamente em Bragança e Vila Real), embora apenas um terço do número de explorações esteja vocacionado para tal. É significativa a percentagem do número de explorações produzindo principalmente para autoconsumo; urge inverter tal fenómeno de molde a obter explorações economicamente evoluídas. É bom não esquecer que as explorações voltadas para o autoconsumo determinam baixo nível de vida, consequência lógica do primitivismo técnico-económico em que se movimentam.



8. GRAU DE INSTRUÇÃO E IDADE DOS DIRIGENTES

A existência de uma agricultura moderna e competitiva passa, cada vez mais, pela formação do agricultor-empresário, o "chefe da empresa".(1) Da sua maior ou menor capacidade de gestão, da utilização que fizer de tecnologias evoluídas, da forma como combinar os factores de produção dependerá o êxito ou o fracasso da exploração.

Desta forma a agricultura actual não se compadece com o agricultor analfabeto, avesso à introdução de novas tecnologias, falho de dinamismo e espírito empreendedor. *É evidente que o nível de formação profissional e a consequente gestão racional das explorações agrícolas não são determinados, em exclusivo, pelas habilitações escolares. No entanto, a inexistência destas tem de considerar-se como um factor*

(1) Cf. Franklin, S. H. - Ob. cit.

altamente limitante, o qual só poderá ser superado a partir e com base numa formação profissional integrada.(1)

O panorama oferecido neste domínio nos distritos de Bragança e Vila Real não é animador, como se constata pelo Quadro XII e pelos Gráficos XIII e XIV.

QUADRO XII

GRAU DE INSTRUÇÃO DOS DIRIGENTES - 1979

(%)

Distritos	Analfabetos	Ensino Básico (4ª Classe)	Ensino Prep. (2º Ano)	Ensino Secund. e Médio	Ensino Superior
Bragança	53.1	34.3	6.7	4.8	1.1
Vila Real	63.9	31.4	1.7	3.3	2.3
Continente	52.1	35.3	7.4	4.4	0.9

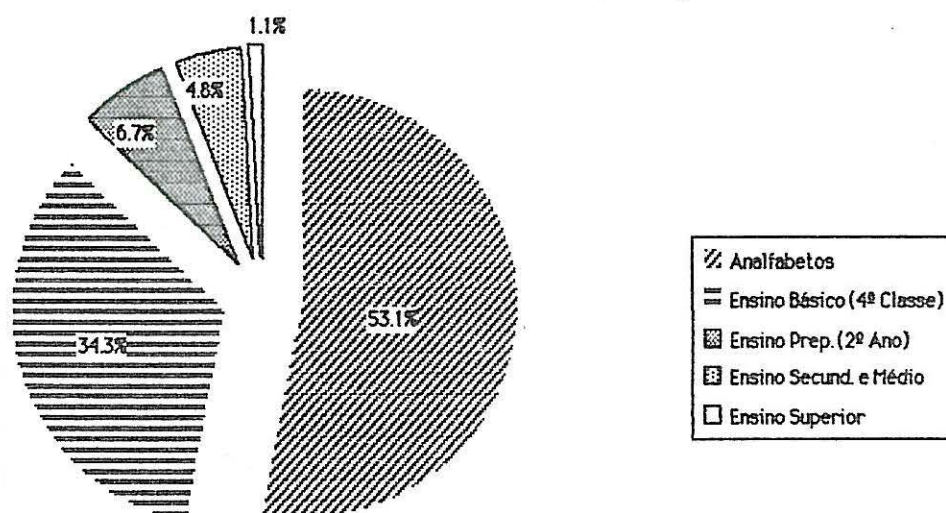
Fonte: IRE - Recenseamento Agrícola - 1979

Mais de metade dos dirigentes das explorações são analfabetos, em ambos os distritos. A este já assustador valor há que adicionar um grande número de dirigentes que se limitaram a fazer a escolaridade obrigatória de então (3ª ou 4ª classe) e pouco

(1) Cf. Cepeda, Francisco - Relatório da Actividades da Escola Superior Agrária de Bragança - 1984

mais sabem que ler e escrever com muita dificuldade. É o chamado analfabetismo funcional, nunca ponderado nas estatísticas oficiais, mas sempre presente com os seus aspectos negativos na realidade dos dois distritos.

GRÁFICO XIII
GRAU DE INSTRUÇÃO DOS DIRIGENTES
(DISTRITO DE BRAGANÇA)

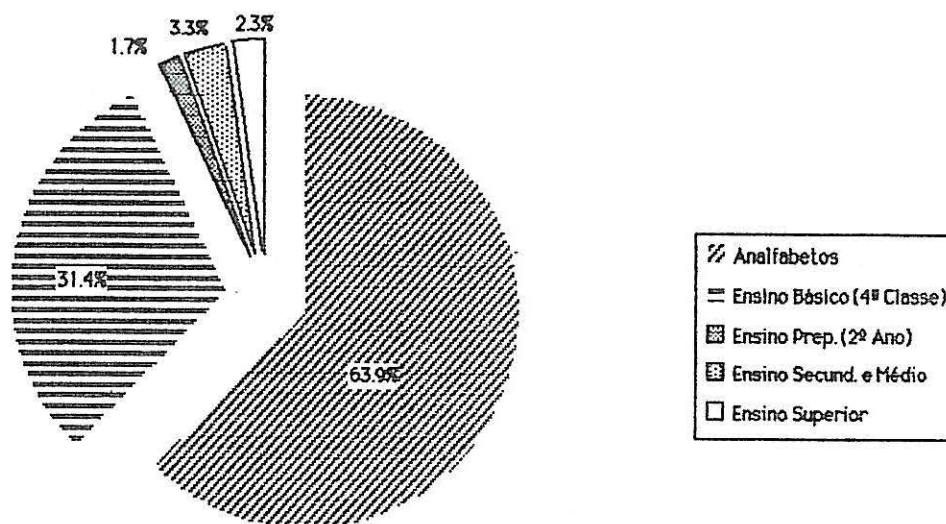


Embora constitua um panorama desolador, a realidade é esta: mais de metade das explorações agrícolas dos dois distritos do Nordeste são dirigidas por pessoas analfabetas, sendo praticamente irrelevante a percentagem dos dirigentes com curso secundário, médio ou superior.

A idade dos dirigentes pode também, em certos casos, constituir um factor de estrangulamento na actividade agrícola.

Sempre que o analfabetismo se associa a uma idade avançada dos dirigentes fica seriamente comprometida a introdução de inovações técnicas e de novos métodos de gestão, dada a fraca ou

GRÁFICO XIV
 GRAU DE INSTRUÇÃO DOS DIRIGENTES
 (DISTRITO DE VILA REAL)



nula maleabilidade à mudança deste tipo de dirigentes.

O Quadro XIII revela a situação que se verifica nos distritos de Bragança e Vila Real quanto a este dado.

QUADRO XIII
DIRIGENTES DE EXPLORAÇÕES COM 65 E MAIS ANOS
 (%)

DISTRITOS	(%)
Bragança	47.9
Vila Real	44.2
Continente	43.1

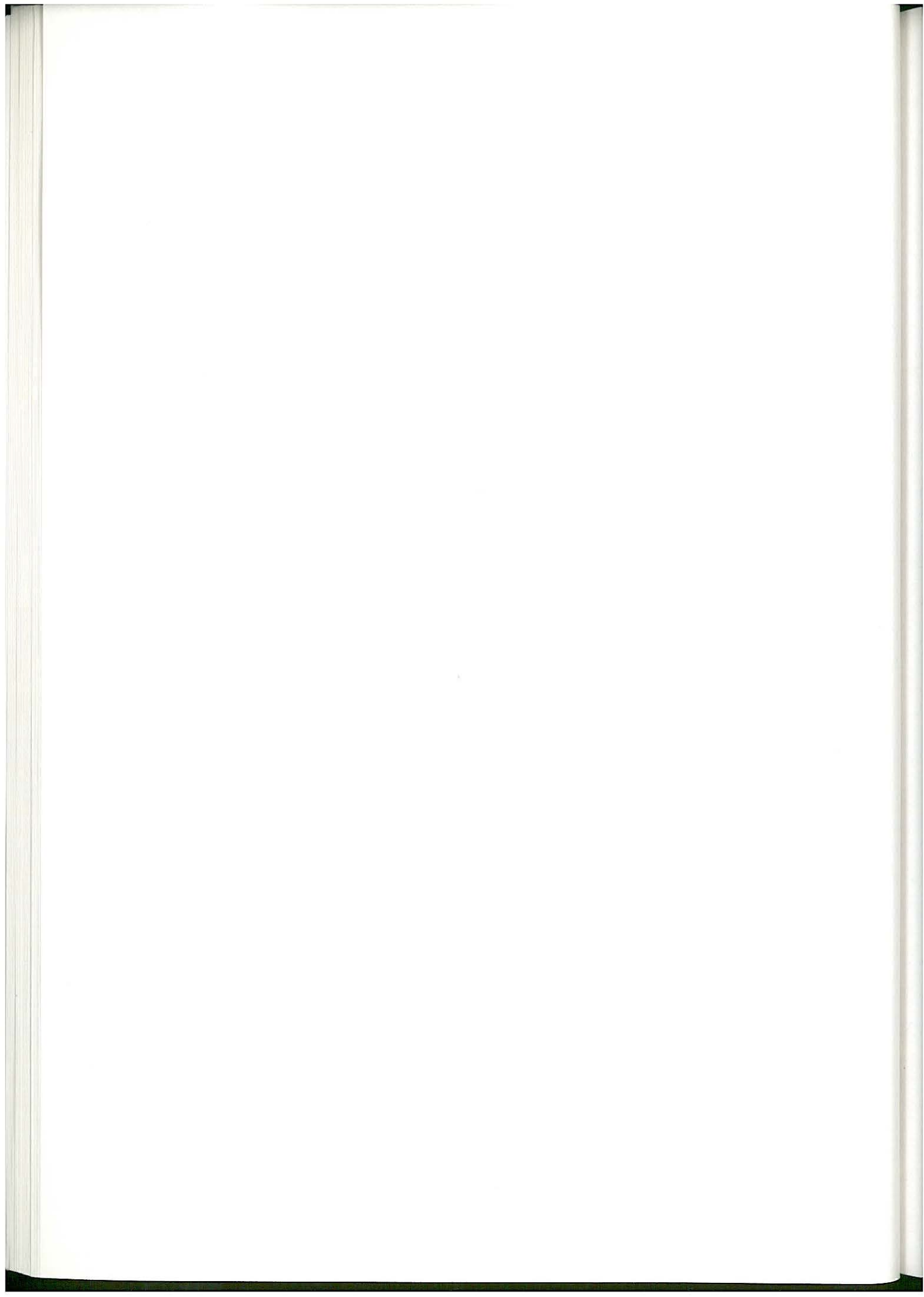
Fonte: INE - Recenseamento Agrícola - 1979

A percentagem dos agricultores com 65 e mais anos é muito elevada em ambos os distritos. A vida dura e difícil que a agricultura proporciona faz com que, aos 65 anos, o dirigente esteja já cansado, incapaz ou pouco vocacionado para sair da rotina de muitos anos, mais propenso para um merecido descanso do que para o continuar do árduo trabalho dos campos.

É neste nível etário dos 65 anos que mais se repercute o analfabetismo; daí a preocupação em ver a agricultura dos dois distritos entregue a tão elevado número de pessoas idosas e analfabetos, numa altura em que era indispensável proceder a reformas profundas na agricultura portuguesa. As Comunidades Europeias, em que vamos inserir-nos, não se compadecem com esta e outras particularidades da agricultura portuguesa; a competição que nos aguarda exige mudança, inovação, criatividade. É bom não esquecer, tal como já afirmámos, que a capacidade de mudança e de abertura diminui profundamente com a idade, agravando-se substancialmente com o analfabetismo.

Nunca como hoje foi tão necessário formar profissionais agrícolas qualificados, capazes de tomarem conta das suas próprias explorações, gerirem as associações de agricultores, dirigirem as cooperativas, apoiarem tecnicamente os restantes agricultores.

Nunca como hoje o ensino agrícola a nível médio poderá ser tão importante para o desenvolvimento da agricultura nacional, desde que o perfil dos técnicos a formar os encaminhe preferencialmente para o trabalho directo nas explorações.



9. PRESENÇA E ACTIVIDADE DOS DIRIGENTES NAS EXPLORAÇÕES

Os dirigentes das diferentes explorações podem dedicar a sua actividade exclusiva ou parcialmente ao trabalho agrícola(1). Dados os rendimentos insuficientes de muitas explorações agrícolas vários dirigentes tiveram necessidade de procurar, fora da agricultura, uma fonte de receitas que lhes permitisse continuar a actividade agrícola em part-time. Após a 2ª Guerra Mundial a agricultura em part-time expandiu-se consideravelmente nos países ocidentais, sendo esta uma das razões porque, no entender de S. H. Franklin (1971), *não se deve interpretar a fuga do campo como a fuga para as cidades*(2).

(1) Segundo Franklin, S. H. - Ob. cit. "Historicamente a economia agrícola foi sempre binária. Muitas famílias camponesas participaram sempre em actividades não agrícolas".

(2) Franklin, S. H. - Ob. cit.

Quando os dirigentes se dedicam exclusivamente à actividade agrícola dão origem a explorações a tempo inteiro; nas explorações a tempo parcial se a actividade não agrícola for dominante, a exploração agrícola tornar-se-à subsidiária da ocupação principal.

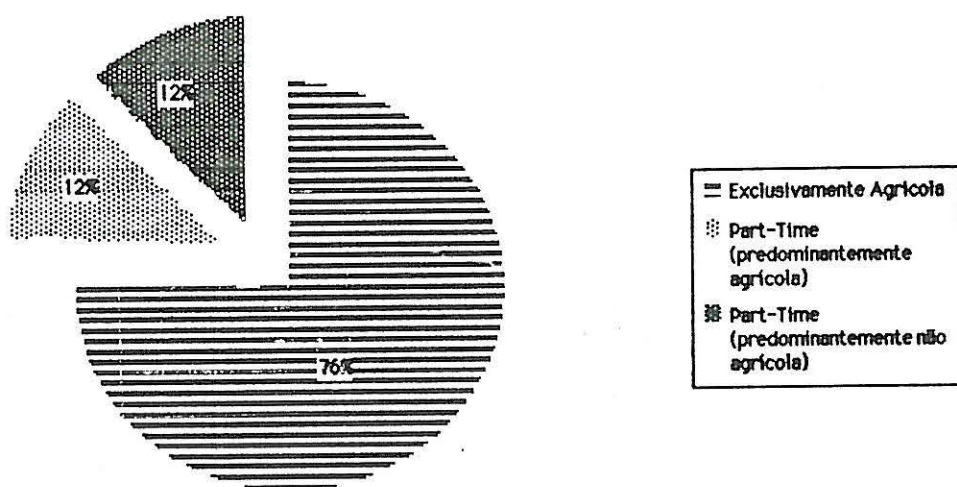
QUADRO XIV
OCUPAÇÃO DOS DIRIGENTES DAS EXPLORAÇÕES
(%)

Distritos	Exclusivamente Agrícola	A tempo parcial	
		Predominantemen. Agrícola	Predominantemen. Não-agrícola
Bragança	76	12	12
Vila Real	72	14	14
Continente	61	14	25

Fonte: INE - Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, 1958

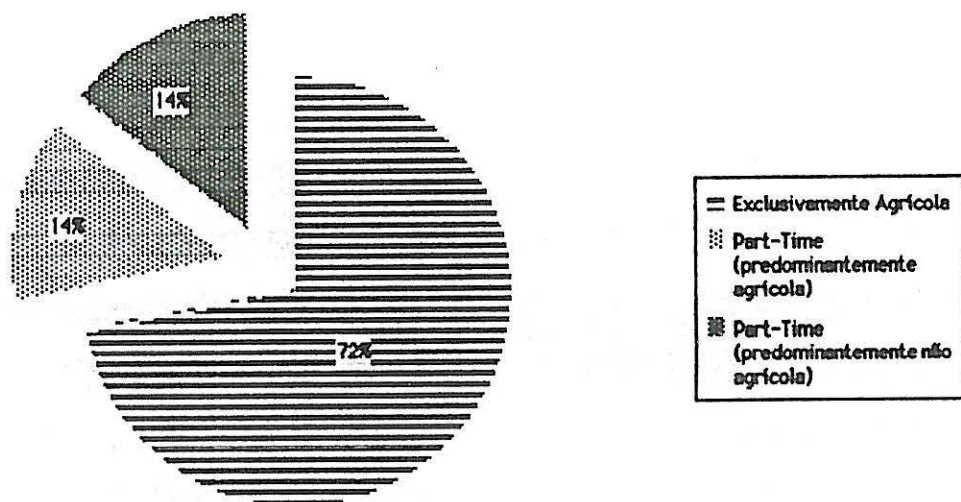
Pelo Quadro anterior e pelos Gráficos XV e XVI verifica-se que, enquanto a nível nacional a agricultura a tempo parcial tem uma expressão significativa (39%) o mesmo não pode dizer-se da praticada a nível dos dois distritos; para além deste facto há que salientar o peso idêntico das componentes predominantemente agrícolas e não agrícolas que se verifica em Bragança e Vila Real, ao

GRAFICO XV
 OCUPAÇÃO DOS DIRIGENTES DAS EXPLORAÇÕES (%)
 DISTRITO DE BRAGANÇA



contrário do que sucede na média nacional onde a componente não agrícola é quase dupla da agrícola. Tal fenómeno está directamente relacionado com o desenvolvimento dos sectores secundário e terciário; quando este desenvolvimento é grande os agricultores sentem necessidade de aí obterem um emprego onde vão buscar o fundo de maneiço necessário para aplicarem na agricultura. Quando a indústria e os serviços têm fraca implantação - caso dos dois distritos do Nordeste - os valores da componente não agrícola são diminutos.

GRAFICO XVI
OCUPAÇÃO DOS DIRIGENTES DAS EXPLORAÇÕES (%)
DISTRITO DE VILA REAL



10. A CONTABILIDADE NAS EXPLORAÇÕES

A existência ou não de contabilidade nas explorações é um indicador importante da boa ou má administração feita pelos dirigentes e da sensibilidade dos mesmos para os problemas de gestão.

Ninguém ignora que muitos dirigentes que se ocupam exclusivamente da agricultura, auxiliados pelos seus agregados familiares, não fazem qualquer tipo de registo das despesas e receitas das suas explorações. Outras há, todavia, que embora procedendo a registos simples nunca contabilizaram o trabalho do agregado familiar, nunca imputaram às culturas os custos com estrume da própria exploração, nunca procederam a amortizações da escassa maquinaria que eventualmente tenham. De tudo isto resulta a impossibilidade, no dizer de Mendras, citado por Gonçalo Santa Ritta (1979), *da passagem da lógica camponesa à racionalidade económica.*(1)

(1) Ritta, Gonçalo Santa - Portugal, Agricultura e Problemas Humanos - Lisboa (1979)

É difícil obter valores precisos sobre a existência ou não de contabilidade nas explorações, já que o Inquérito às Explorações do Continente considerava como tendo contabilidade as explorações que pelo menos fizessem simples registos de despesas e receitas. Um tal ponto de partida conduziu a números inflacionados das explorações com contabilidade, deturpando a realidade.

Após este esclarecimento observemos os valores do Quadro seguinte:

QUADRO XV
EXPLORAÇÕES COM CONTABILIDADE

DISTRITOS	(%)
Bragança	29
Vila Real	26
Continente	24

Fonte : INE - Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, 1968

Apesar das percentagens estarem inflacionadas pelos motivos apontados é extremamente elevado o número de explorações, em ambos os distritos, sem contabilidade, levando a gestão das mesmas a processar-se de forma perfeitamente empírica. Podemos mesmo acrescentar que tal facto constitui um grave estrangulamento ao desenvolvimento da agricultura regional, constituindo ainda factor de preocupação quanto ao futuro da mesma, face à integração na C.E.E..

11. COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA AGRICOLA EM 1981

Com base nos dados do XII Recenseamento Geral da População elaborámos o Quadro XVI dos seguintes estratos profissionais:

- Patrões - recenseados com um ou mais empregados ou assalariados por sua conta;
- Trabalhadores por conta própria - recenseados, trabalhando por sua conta, sem empregados ou assalariados;
- Trabalhadores por conta de outrem - recenseados que trabalham para outrem em tempo total ou parcial, recebendo remuneração pelo trabalho;
- Trabalhadores familiares não remunerados - recenseados que trabalham pelo menos 15 horas em empresa explorada por pessoa de família, sem receberem remuneração;

- Membros de cooperativas de produção - recenseados que trabalham em cooperativas de produção, das quais auferem uma remuneração em função do trabalho prestado e dos lucros obtidos;
- Outros não especificados - recenseados que não se enquadram nas definições anteriores.

QUADRO XVI

COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA AGRÍCOLA - 1981

(%)

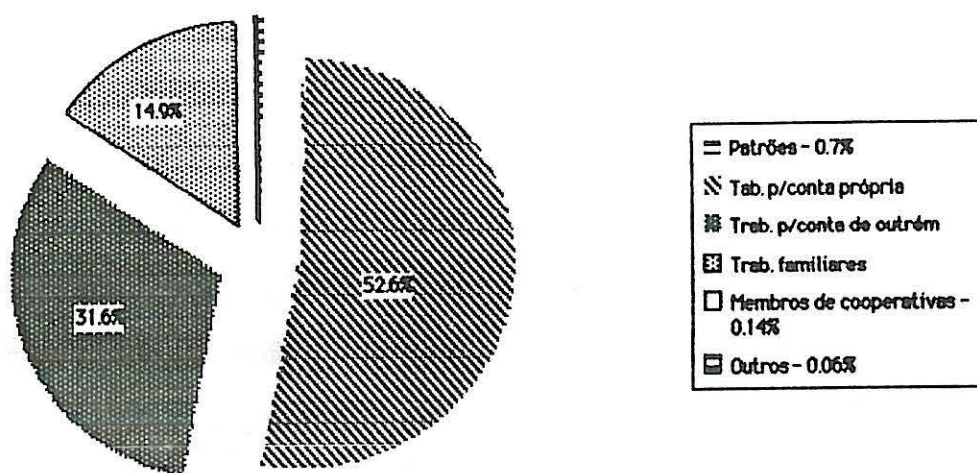
DISTRITOS	PATRÕES	TRABALHAD. POR CONTA PRÓPRIA	TRABALHAD. POR CONTA DE OUTREM	TRABALHAD. FAMILIARES	MEMBROS COOPERAT. PRODUÇÃO	OUTROS NÃO ESPECIF
Bragança	0.7	52.6	31.6	14.9	0.14	0.06
Vila Real	0.8	46.5	38.3	14.2	0.1	0.1
Continente	1.2	50.1	36.1	11.9	0.6	0.1

Fonte : INE - XII Recenseamento Geral da População

Da análise do Quadro anterior e dos Gráficos XVII e XVIII podem retirar-se importantes ilacções:

- a) diminuta percentagem de patrões em ambos os distritos o que pressupõe poucas explorações com o carácter e a dinâmica de empresas agrícolas;

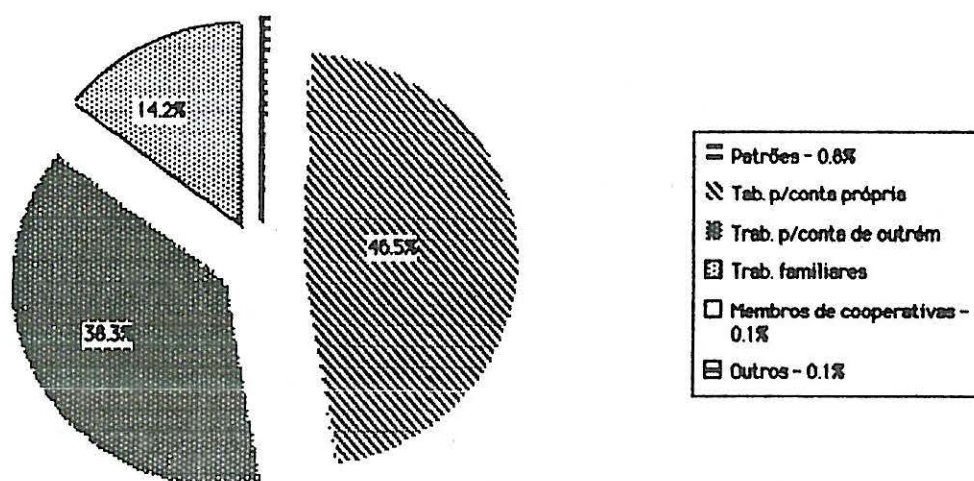
GRAFICO XVII
 COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA AGRICOLA
 (DISTRITO DE BRAGANÇA)



- b) percentagem significativa de trabalhadores por conta própria no distrito de Bragança, apoiados nos trabalhos agrícolas por importante número de familiares (14.9%);
- c) no distrito de Vila Real embora a percentagem de trabalhadores por conta própria seja inferior à média nacional, têm contudo ajuda significativa nos trabalhadores familiares (14.2%);
- d) pouco significativa a percentagem de membros de cooperativas de produção em ambos os distritos; a falta de tradições cooperativistas e o "receio" de perderem as terras são os responsáveis pela diminuta percentagem. O aparecimento de cooperativas agrícolas será uma das principais saídas para a

crise da agricultura regional.

GRAFICO XVIII
COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA AGRICOLA
(DISTRITO DE VILA REAL)



A nível nacional e dos diferentes distritos é muito importante conhecer o "peso" entre as classes de trabalhadores e de patrões e a forma como se relacionam. Segundo Mário Pereira(1) *a diferenciação distrital quanto ao desequilíbrio entre as classes de trabalhadores e de patrões pode também ser evidenciada pela relação entre os que vivem da prestação de trabalho (trabalhadores por conta de outrém e trabalhadores familiares) e os que utilizam o trabalho de*

(1) Pereira, Mário - Ob. cit.

outrém, remunerado ou não (patrões e trabalhadores por conta própria).

Com base nos dados do XII Recenseamento Geral da População - 1981 calculámos a relação entre os que vivem da prestação de trabalho e os que utilizam o trabalho de outrém, para os distritos de Bragança e Vila Real e para o Continente.

Em relação ao distrito de Bragança surge:

$$d = \frac{(\text{trabalhad. p/conta de outrém} + \text{trabalhad. familiares})}{(\text{patrões} + \text{trabalhadores por conta própria})}$$

$$d = (9387 + 4413) / (15606 + 202)$$

$$d = 0.87$$

Para Vila Real aparece :

$$d_1 = (17736 + 6587) / (21547 + 372)$$

$$d_1 = 1.1$$

O índice do Continente será :

$$d_2 = (234974 + 77254) / (326676 + 8073)$$

$$d_2 = 0.93$$

A interpretação dos índices distritais (d e d₁) e do índice

do Continente (d_2) dá-nos as seguintes indicações :

- a) em Vila Real é bastante equilibrada a relação entre as duas classes de trabalhadores e patrões ($d_1 = 1.1$), com ligeiríssima supremacia dos que prestam trabalho em relação aos que o utilizam;
- b) no distrito de Bragança o índice calculado ($d = 0.87$) demonstra que o número total de trabalhadores é menor do que o número total de utilizadores desse trabalho.

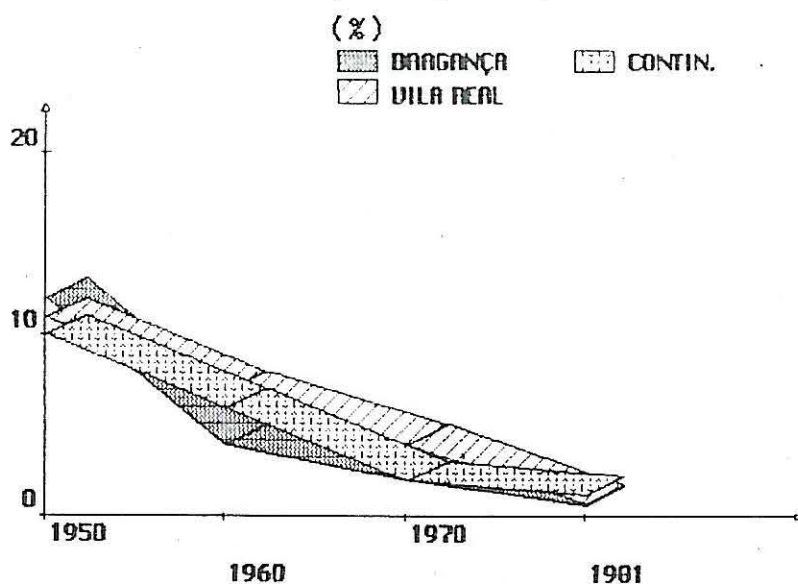
Para uma melhor visão da forma como evoluiu a composição da população activa agrícola nos distritos do Nordeste e no Continente, vamos acompanhar a sua transformação desde 1950 até 1981, utilizando o Quadro XVII e os Gráficos XIX, XX, XXI e XXII.

QUADRO XVII
COMPOSIÇÃO DA POPUL. ACTIVA AGRICOLA - 1950, 1960, 1970, 1981

DISTRITOS	PATRÕES				ISOLADOS-TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA				TRABALHADORES POR CONTA DE OUTRÉM(1)				PESSOAS DE FAMILIA NÃO REM. E OUTROS			
	1950	1960	1970	1981	1950	1960	1970	1981	1950	1960	1970	1981	1950	1960	1970	1981
Bragança	12	4	2	0.7	21	26	44	52.6	53	50	39	31.9	14	20	15	15
Vila Real	11	7	4	0.8	20	22	37	46.5	57	52	44	38.4	12	19	15	14
Continente	10	6	2	1.2	19	21	37	50.1	60	59	50	36.7	11	14	11	12

Um dos aspectos mais salientes do Quadro anterior e do Gráfico XIX é a enorme diminuição dos "patrões", atingindo em 1981 percentagens nos dois distritos verdadeiramente insignificantes. A explicação que melhor se coaduna com este fenómeno prende-se com a passagem massiva dos "patrões" a "trabalhadores por conta própria" por não poderem ou não quererem trabalhadores assalariados.

GRAFICO XIX
PATRÕES - 1950, 1960, 1970, 1981

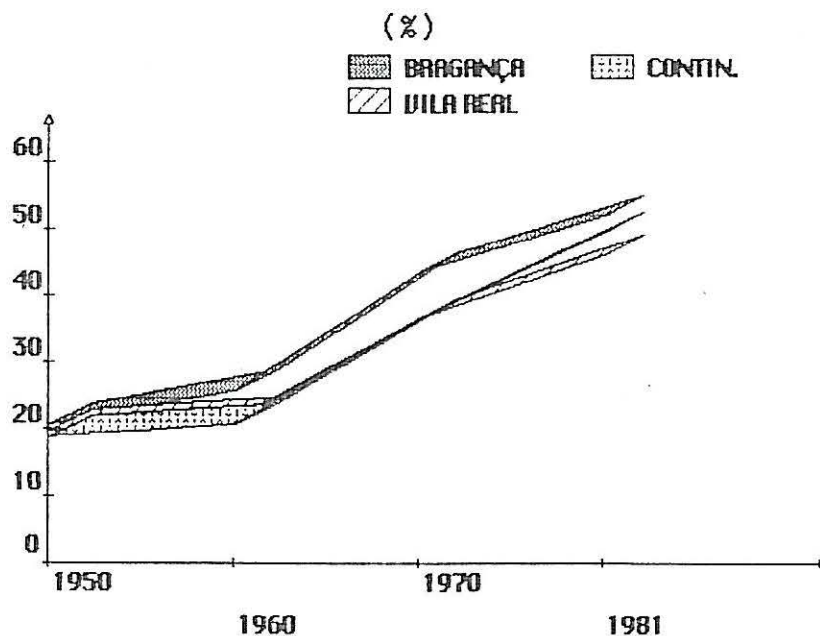


Na verdade, a categoria dos "Isolados - Trabalhadores por conta própria" tem vindo a registar um crescimento deveras acentuado, com especial relevo no distrito de Bragança onde a percentagem aumentou duas vezes e meia em trinta anos (Gráfico XX).

O aumento da categoria de "Isolados - Trabalhadores por

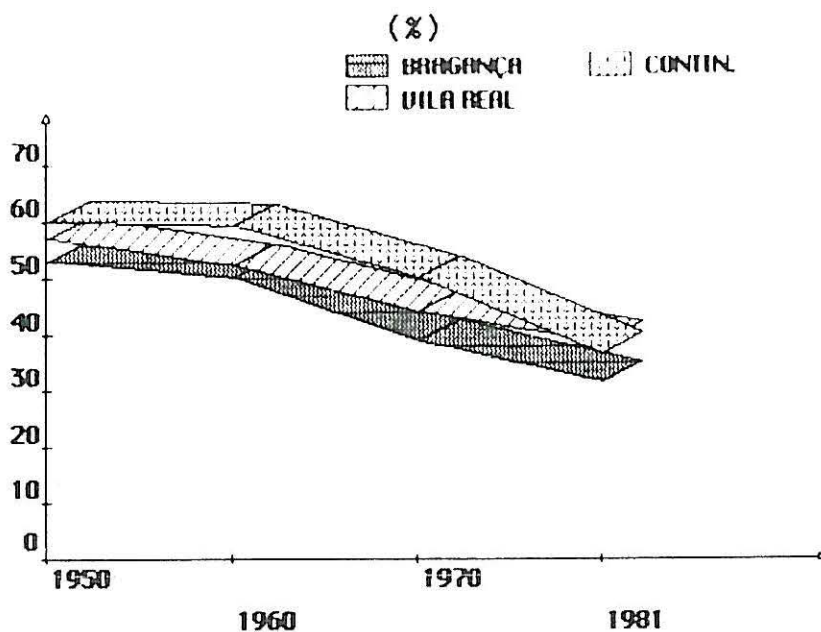
conta própria" tem-se feito com base no trabalho das pessoas de família sem o qual lhes seria impossível manter em actividade as suas explorações.

GRÁFICO XX
ISOLADOS - TRABALHAD. P/CONTA PRÓPRIA, 1950, 1960, 1970, 1981



As percentagens respeitantes à categoria de "Trabalhadores por conta de outrém" têm vindo sucessivamente a diminuir (Gráfico XXI), nos dois distritos, de 1950 a 1981. Para além da passagem de alguns destes trabalhadores para a categoria de "Trabalhadores por conta própria", a explicação desta diminuição deverá ser encontrada na constante fuga dos campos para as cidades e estrangeiro à procura de melhores condições de vida.

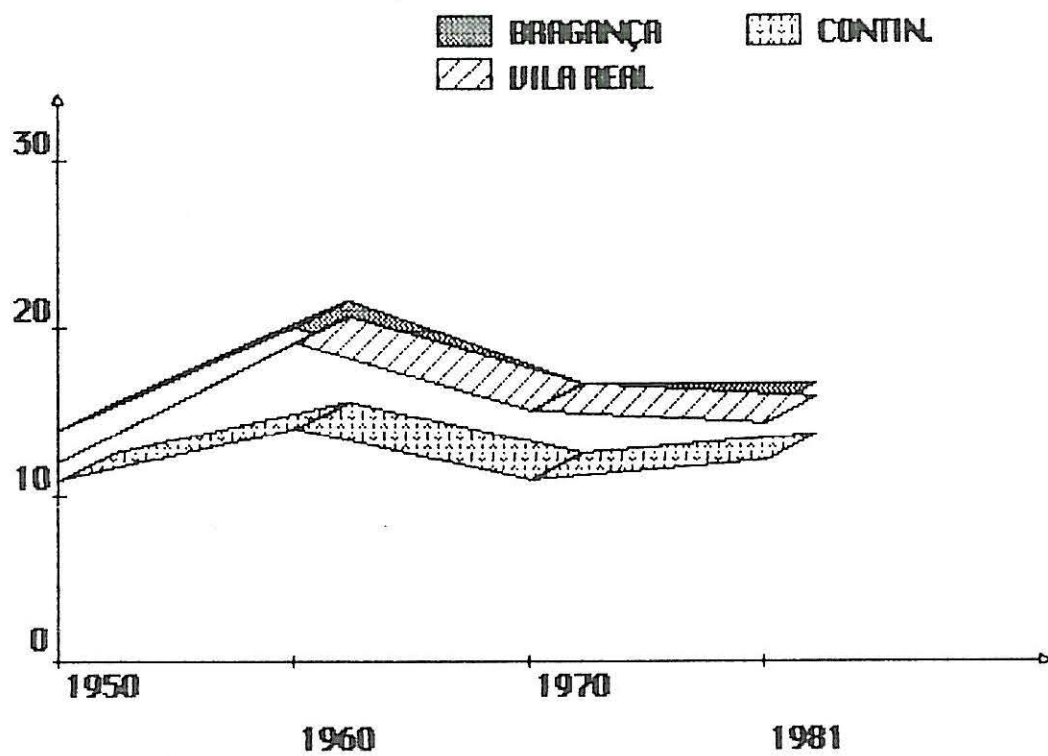
GRÁFICO XXI
 TRABALHAD. P/CONTA DE OUTRÉM, 1950, 1960, 1970, 1981



Para além do crescimento verificado na década de 60 a categoria de "Pessoas de Família e Outras" tem mantido um número estável (Gráfico XXII - pág. 59). É bom não esquecer a influência que a emigração teve quer na redução da percentagem na década de 60/70, quer na elevação da mesma a partir de 1970.

Podemos assim afirmar que da evolução estrutural da população activa agrícola nos dois distritos, no período de trinta anos, ressaltam como aspectos mais positivos a enorme diminuição das percentagens das duas categorias extremas - patrões e trabalhadores por conta de outrem - e a ascensão e fortalecimento da categoria dos "Trabalhadores por conta própria".

GRÁFICO XXII
PESSOAS DE FAMÍLIA E OUTRAS - 1950, 1960, 1970, 1981
(%)



12. GRAU DE MECANIZAÇÃO

O indicador mais utilizado para fornecer o grau de mecanização de uma região é dado pelo número de tractores por cada 100 hectares de exploração.

Com base nos dados fornecidos pelo Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente de 1968 e no Recenseamento Agrícola do Continente de 1979 elaborámos o Quadro seguinte :

QUADRO XVIII
GRAU DE MECANIZAÇÃO - 1968, 1979

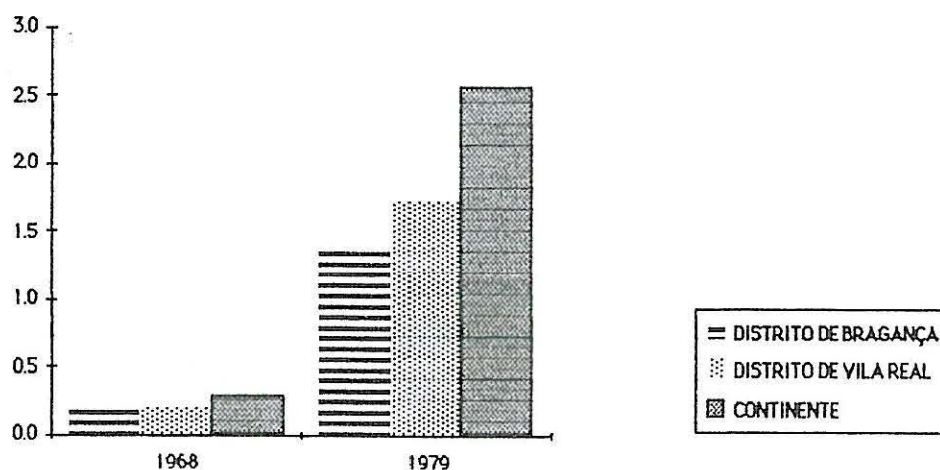
DISTRITOS	Nº DE TRACTORES POR 100 HECTARES	
	1968	1979
Bragança	0.2	1.36
Vila Real	0.2	1.73
Continente	0.3	2.56

Fonte : INE

Como se depreende da leitura do Quadro anterior e do

Gráfico XXIII a mecanização nos distritos de Bragança e Vila Real e no Continente era praticamente inexistente em 1968.

GRAFICO XXIII
Nº DE TRACTORES POR 100 HECTARES - 1968, 1979



O grau de mecanização verificado em 1979 nos dois distritos é ainda relativamente modesto e já bastante menor do que o do Continente.

13. CONSUMO DE ADUBOS POR HECTARE

O uso de fertilizantes com a qualidade adequada e a quantidade necessária é extremamente importante na agricultura moderna. Daí o interesse em conhecer o grau de utilização de fertilizantes em cada região recorrendo-se, para tal, ao consumo de adubos por hectare.

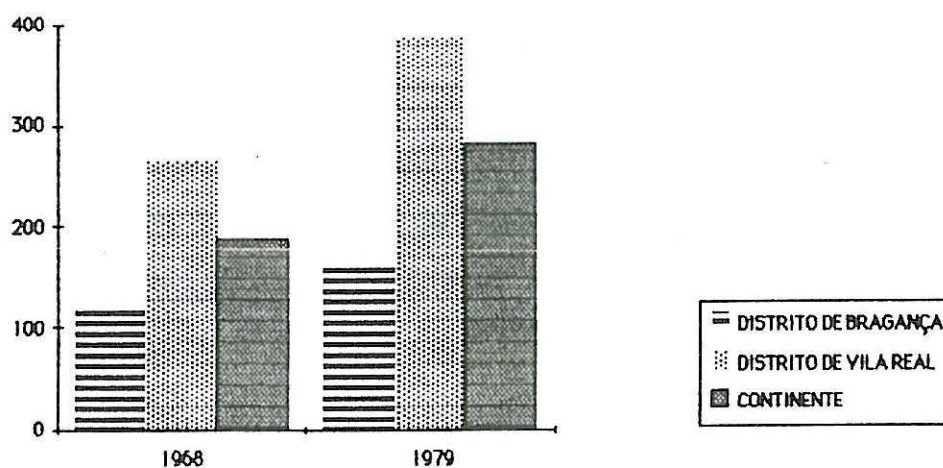
QUADRO XIX
CONSUMO DE ADUBOS POR HECTARE (ESCUDOS)

DISTRITOS	1968	1979
Bragança	121	160
Vila Real	264	385
Continente	187	280

Fonte : INE - Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, 1968
- Recenseamento Agrícola do Continente, 1979

A situação dos distritos de Bragança e Vila Real é bastante diferente quanto ao consumo de adubos por hectare, quer em 1968 quer em 1979 (Gráfico XXIV). Enquanto Vila Real apresenta valores superiores aos da média nacional em ambos os anos, Bragança tem valores bastante inferiores.

GRAFICO XXIV
CONSUMO DE ADUBOS POR HECTARE (ESCUDOS)

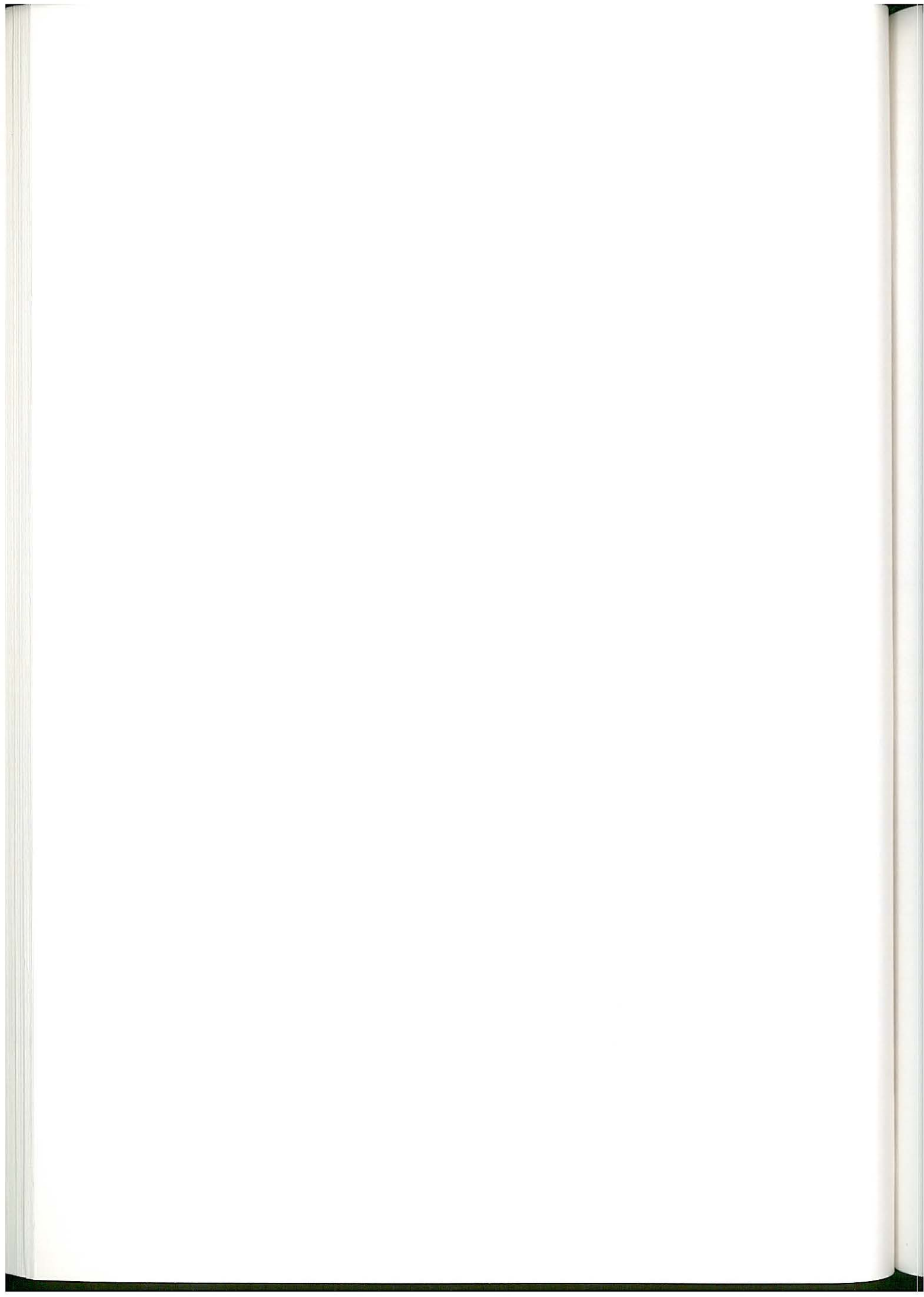


Esta discrepância quanto ao consumo de adubos por hectare, nos dois distritos, para além de outras explicações como o maior volume de culturas industriais e maior número de explorações com menor dimensão(1) em Vila Real, passa sobretudo

(1) A superfície média das explorações e a adubação por hectare são inversamente proporcionais, correspondendo adubações intensivas em explorações de menor dimensão.

pela maior percentagem de dirigentes com mais de 65 anos no distrito de Bragança. Efectivamente, quanto mais idosos são os agricultores menores as quantidades de adubos que utilizam nas culturas.

O consumo de adubos por hectare no Continente (187\$ em 1968 e 280\$ em 1979) é muito baixo quando comparado com o dos restantes países da C.E.E., constituindo este facto um enorme bloqueamento ao desenvolvimento da agricultura.



14. INDICADORES DE INTENSIDADE PECUARIA

A pecuária desempenha um papel importante nas explorações agrícolas dos dois distritos do Nordeste, transformando-se mesmo na razão de sobreviver de muitos agricultores.

Vergílio Taborda (1932) escrevia a este respeito : *A criação de gado tem a maior importância na vida rural dos planaltos transmontanos. Região montanhosa, de clima excessivo e solo magro, a cultura dava apenas com que sustentar a população. Não admira pois que a ela tenha andado aliada, desde remotos tempos, a economia pastoral. E acrescentava ainda : Assim, criação de gado e cultura se associam e se completam. A dupla preocupação da colheita e dos rebanhos traduz-se primeiro na paisagem, onde ao lado da seara avulta a mancha verdejante do lameiro e reflecte-se depois na casa rural, tanto habitação do homem e dos animais, como celeiro.*(1)

(1) Taborda, Vergílio - Alto Trás-Os-Montes - Dissertação de Doutoramento, Coimbra, 1932

A situação da pecuária em ambos os distritos pode ser comprovada pela análise de dois indicadores : o número de cabeças bovinas por hectare e o número de ovinos e caprinos por hectare.

14.1. Número de Bovinos por hectare

O Quadro XX foi elaborado com base nos dados fornecidos pelo Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente de 1968 e pelo Recenseamento Agrícola do Continente de 1979.

QUADRO XX
NUMERO DE OVINOS POR HECTARE - 1968, 1979

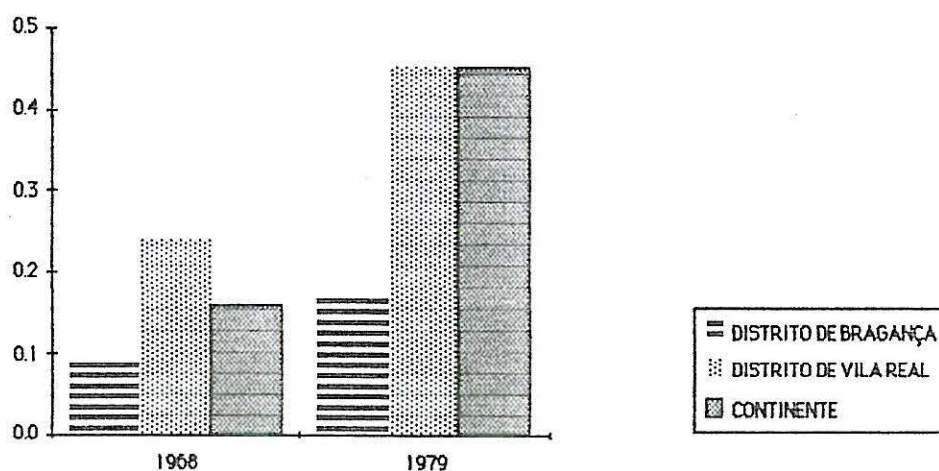
DISTRITOS	1968	1979
Bragança	0.09	0.17
Vila Real	0.24	0.45
Continente	0.16	0.45

Fonte : INE - Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente, 1968
- Recenseamento Agrícola do Continente, 1979

A análise do Quadro anterior e do Gráfico XXV mostra-nos um maior desenvolvimento da bovinicultura no distrito de Vila Real, apresentando o de Bragança valores muito inferiores aos da

média do Continente.

GRAFICO XXV
NUMERO DE BOVINOS POR HECTARE - 1968, 1979



Para este fenómeno não é estranha a filosofia que preside à criação bovina : trabalho-carne no distrito de Bragança, leite-carne no de Vila Real.

Tem de acelerar-se a reconversão desta filosofia em Bragança, de molde a dar lugar a um aumento significativo dos efectivos bovinos e, concomitantemente, aumentar a riqueza do distrito.

14.2 Número de Ovinos e Caprinos por hectare

Por não dispormos de dados referentes a ovinos e caprinos em 1968 vamos apenas apresentar este indicador para 1979.

QUADRO XXI

NUMERO DE OVINOS E CAPRINOS POR HECTARE - 1979

DISTRITOS	1979
Bragança	0.77
Vila Real	0.42
Continente	0.79

Fonte : INE - Recenseamento Agrícola do Continente - 1979

Ao contrário do que acontece com os bovinos, o distrito de Bragança apresenta um valor de ovinos e caprinos por hectare muito superior ao de Vila Real, bastante próximo mesmo da média nacional.

Clima predominantemente seco, grandes espaços incultos e extensas pastagens de montanha são alguns dos factores explicativos do indicador de ovinos e caprinos no distrito de Bragança, muito longe ainda do seu potencial quantitativo e qualitativo.

ANEXOS

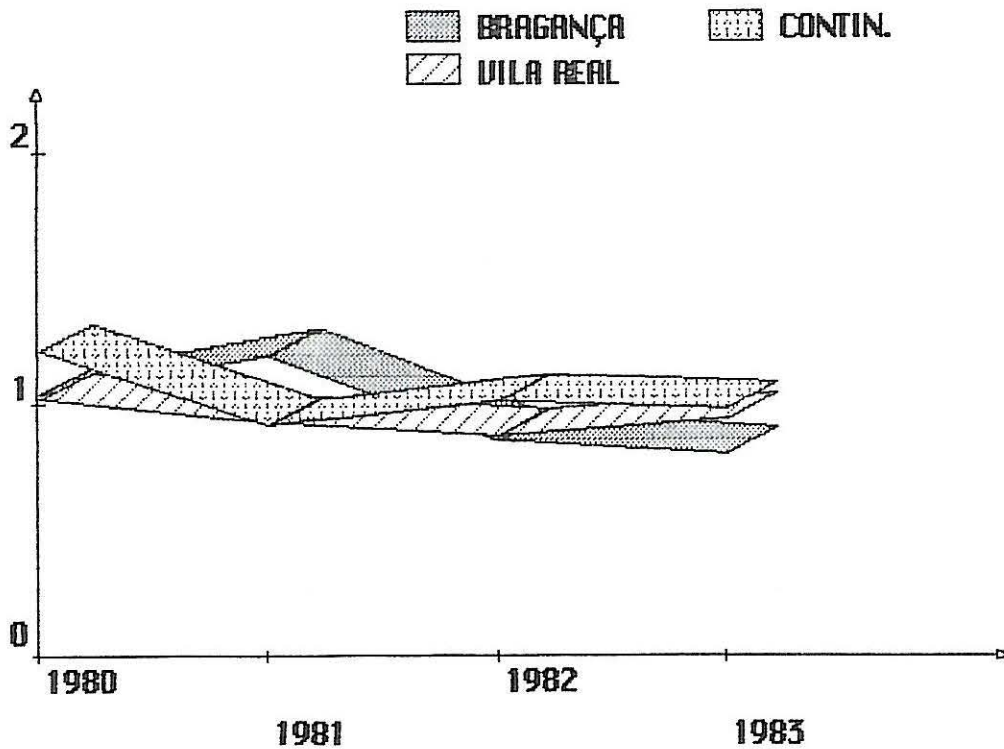


ANEXO I
CULTURA DO TRIGO

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	22343	22244	21051	24059	23496	26599	18254	19702
Vila Real	1534	1525	1521	524	1584	1425	1346	494
Continente	350767	339833	353071	330864	429510	315170	424530	326839

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

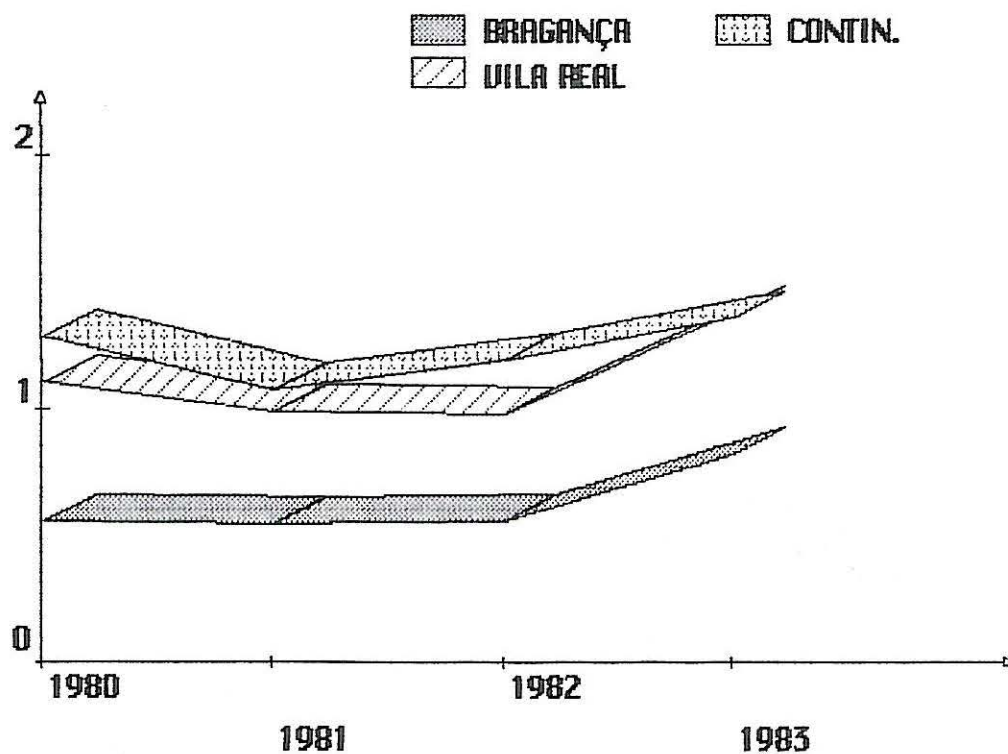


ANEXO II
CULTURA DO MILHO

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	2086	1926	1961	789	1170	1070	1110	662
Vila Real	17121	16795	17094	11350	19080	16670	16750	15709
Continente	376575	347693	351752	311119	489240	376670	421150	424357

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

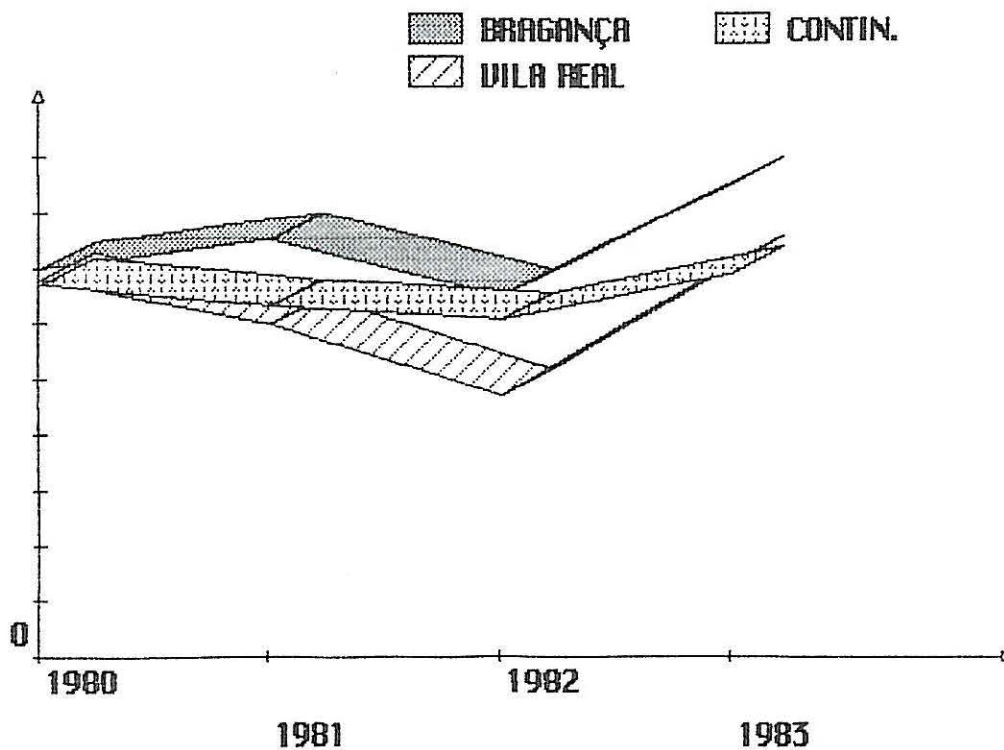


ANEXO III
CULTURA DO CENTEIO

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	37954	36445	35470	22693	26560	27561	23072	19472
Vila Real	28667	29353	28514	22183	19560	17659	13558	15888
Continente	205758	199371	194008	132511	138420	125740	119440	92462

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

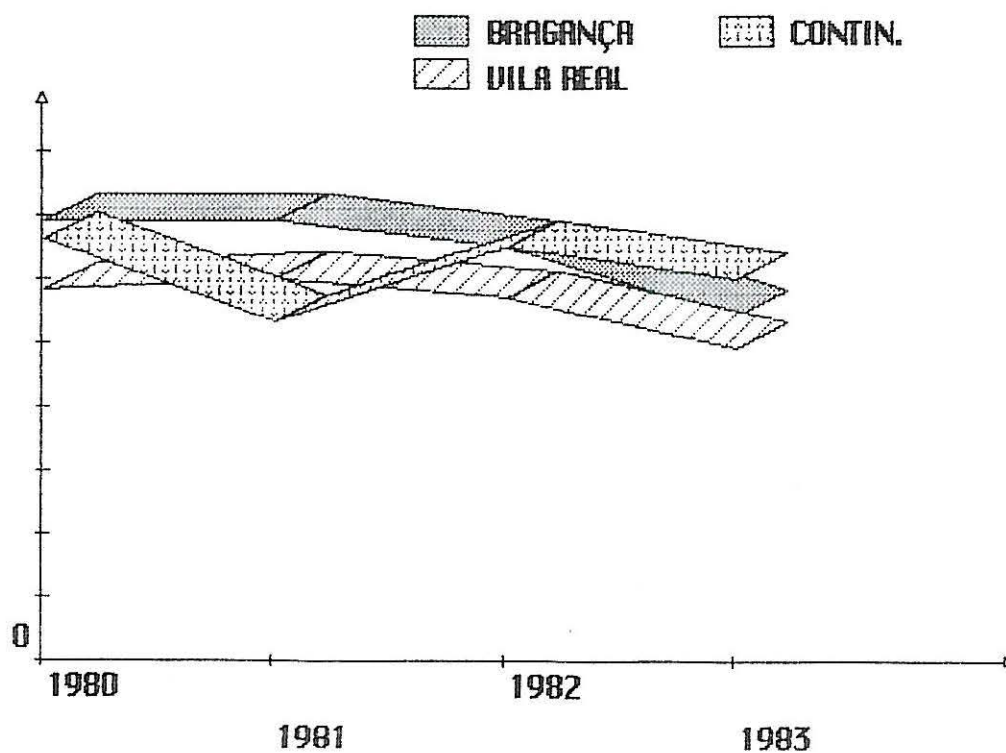


ANEXO IV
CULTURA DA CEVADA

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	2618	2624	2569	2655	1836	1855	1717	1465
Vila Real	1071	1006	984	189	634	615	573	95
Continente	79227	74097	76848	87796	53720	40690	51340	54143

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

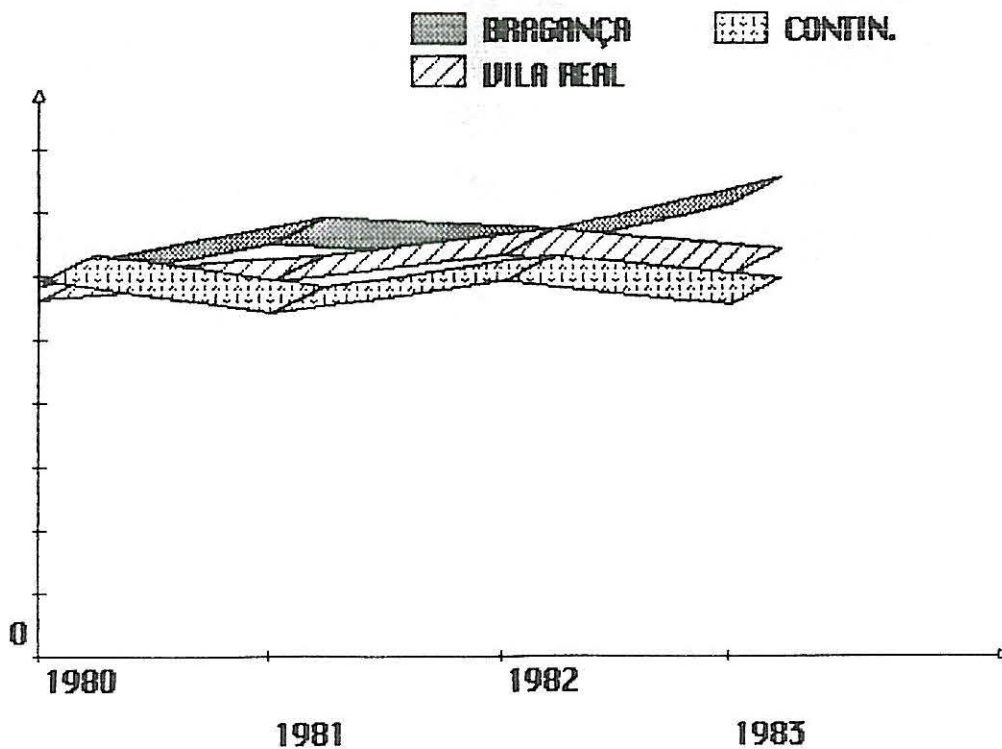


ANEXO V
CULTURA DA FAVA

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	67	59	59	59	40	39	38	43
Vila Real	364	332	328	322	210	201	212	197
Contínente	34847	29595	30408	27500	21050	16380	18230	15645

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

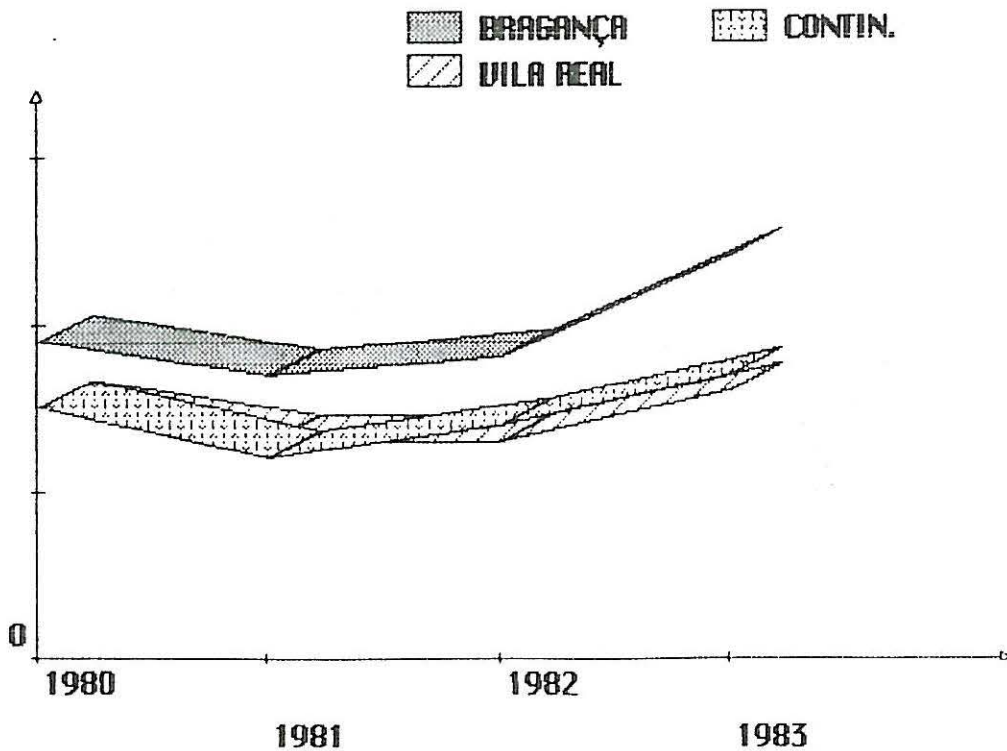


ANEXO VI
CULTURA DO FEIJÃO

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	2058	1754	1780	1755	410	314	332	430
Vila Real	6075	5227	5237	5359	910	696	698	893
Continente	272678	241559	245021	228016	41670	30440	35320	228016

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

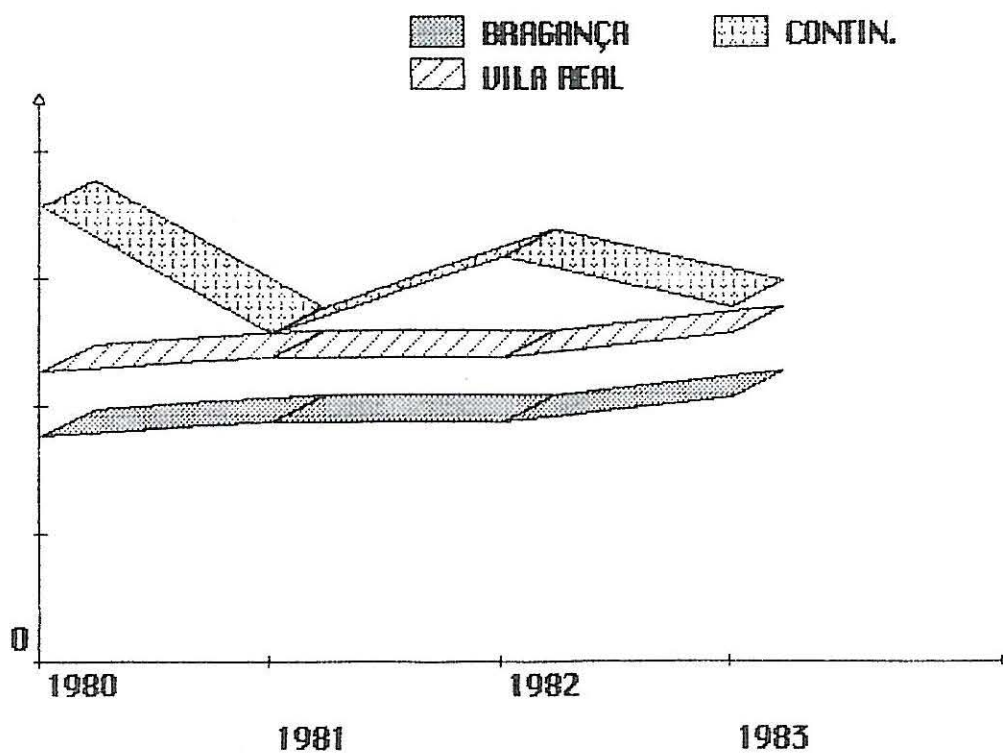


ANEXO VII
CULTURA DO GRÃO DE BICO

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	1692	1504	1499	1654	308	287	295	362
Vila Real	557	495	493	545	132	123	120	144
Continente	39926	29187	29982	28678	14710	7630	9695	8239

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

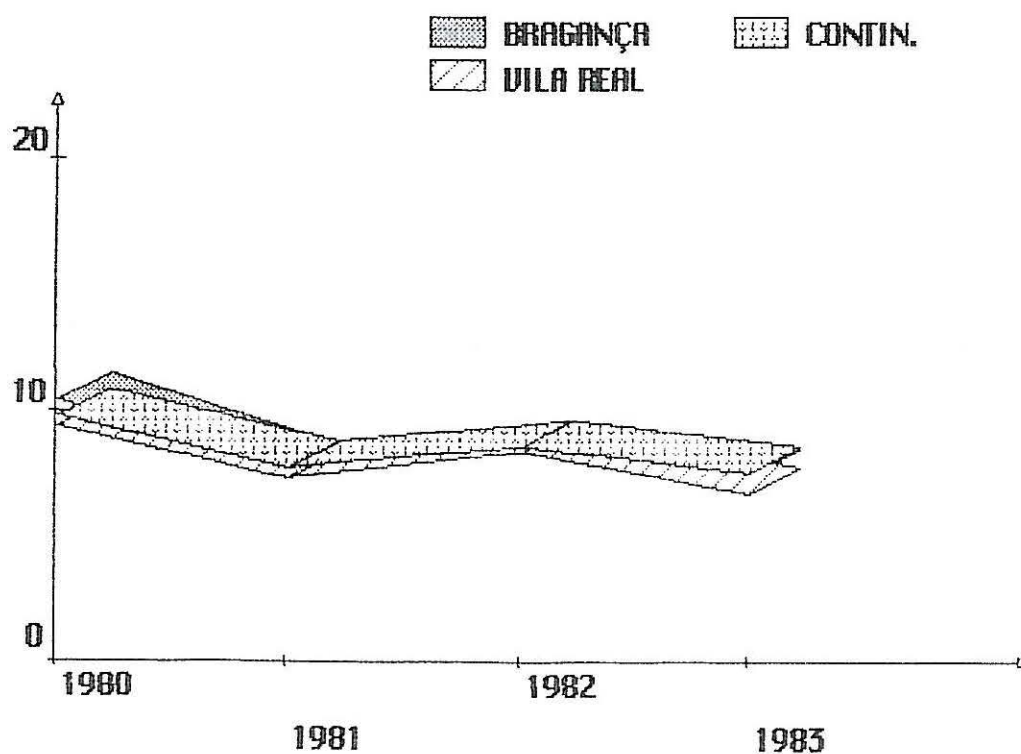


ANEXO VIII
CULTURA DA BATATA

DISTRITOS	SUPERFÍCIE (HA)				PRODUÇÃO (T)			
	1980	1981	1982	1983	1980	1981	1982	1983
Bragança	4512	4116	4225	8587	47340	31544	35930	63486
Vila Real	16407	15429	15704	16058	155460	113486	132300	107887
Continente	113849	107635	114430	120815	1117920	829230	982750	905302

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982
- Anuário Estatístico, 1983

PRODUÇÃO UNITÁRIA (T/HA)

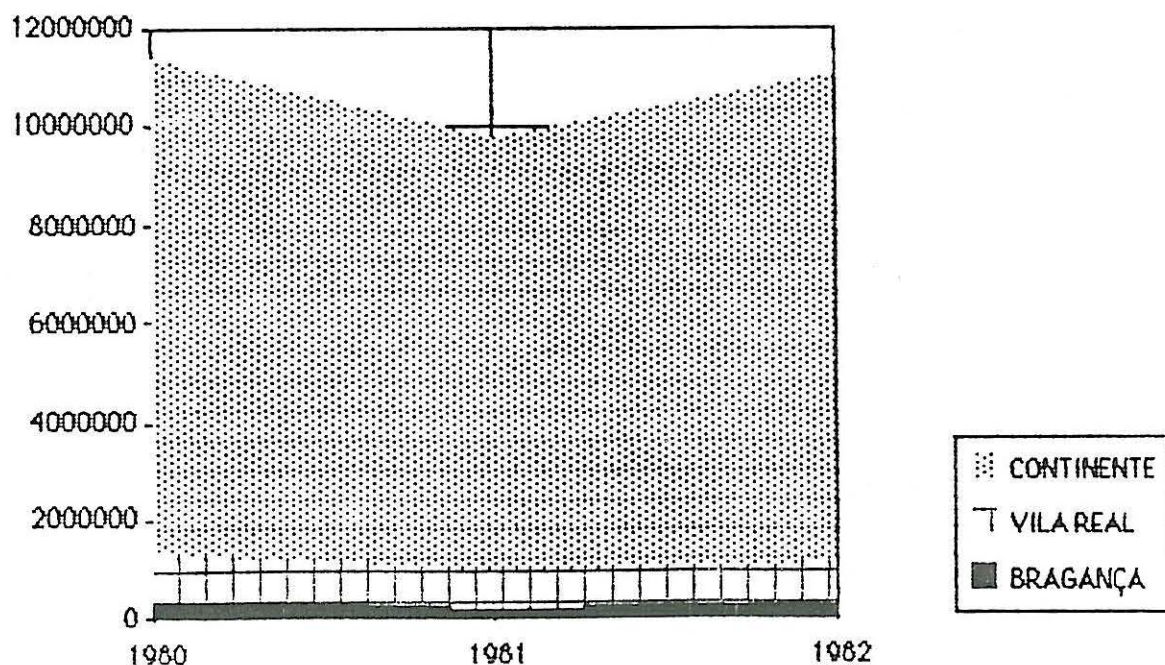


ANEXO IX
PRODUÇÃO DE VINHO

DISTRITOS	PRODUÇÃO (T)		
	1980	1981	1982
Bragança	338292	193566	218960
Vila Real	982121	741161	829932
Continente	10035463	8818705	10030972

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982

PRODUÇÃO (HL)

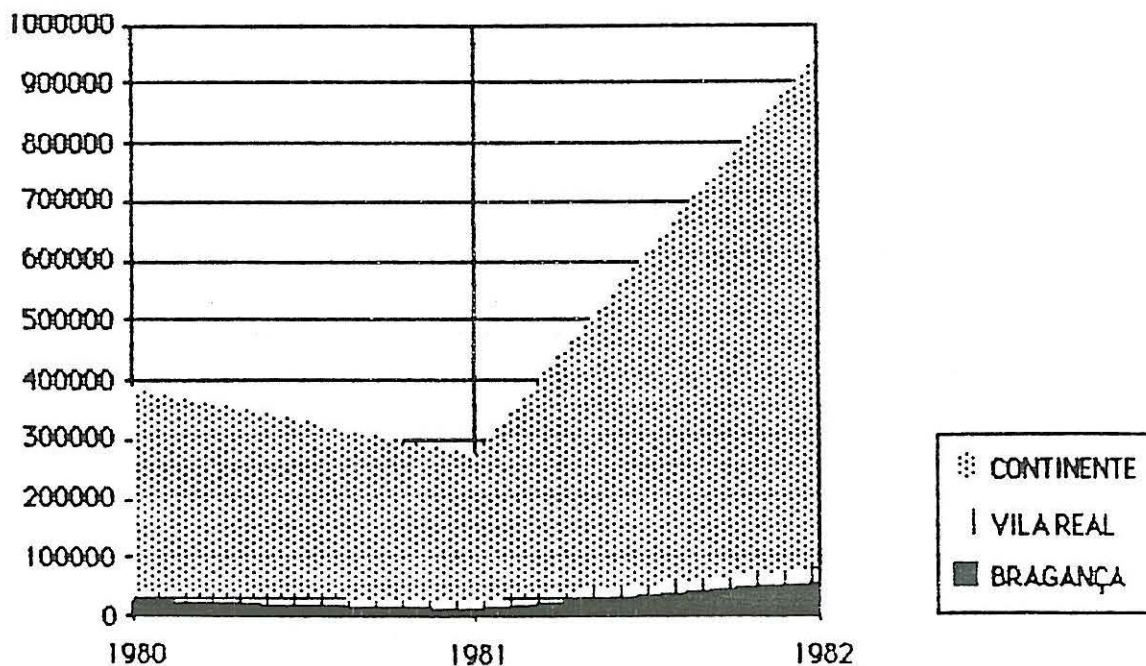


ANEXO X
PRODUÇÃO DE AZEITE

DISTRITOS	PRODUÇÃO (T)		
	1980	1981	1982
Bragança	25189	15067	60704
Vila Real	11263	9263	21258
Continente	349254	251115	864271

Fonte : INE - Estatísticas Agrícolas, 1980, 1981, 1982

PRODUÇÃO (HL)



BIBLIOGRAFIA

- . BARROS, Henrique de - *A Estrutura Agrária Portuguesa*. Lisboa, 1972
- . CLARK, Colin - *Os Problemas Fundamentais do Crescimento Económico*. ISE, 1971
- . CEPEDA, Francisco José T. - *Relatório de Actividades da Escola Superior Agrária de Bragança*. Bragança, 1984
- . COUTINHO, António Xavier P. - *A Quinta Distrital de Bragança no Ano Agrícola de 1875 a 1876*. Porto, 1877
- . FRANKLIN, S. H. - *Rural Societies*. Macmillan, 1971
- . INE - *Anuário Estatístico, 1983*
 - *Estatísticas Agrícolas*, 1980, 1981, 1982
 - *Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente*, 1968
 - *Recenseamento Agrícola do Continente*, 1979
 - *Repartição Regional do Produto*, 1974
 - *IX, X, XI e XII Recenseamentos Gerais da População*

- PEREIRA, Mário - *A Estrutura Agrária Portuguesa (1968-1970)*. CEEA, Lisboa, 1979
- RITTA, Gonçalo S. - *Portugal, Agricultura e Problemas Humanos*. Lisboa, 1979
- SERRÃO, Joel - *A Emigração Portuguesa*. Lisboa, 1982
- TABORDA, Vergílio - *Alto Trás-Os-Montes* - Dissertação de Doutoramento. Coimbra, 1932

INDICE

Prefácio	I
1. Introdução	3
2. O Produto Agrícola Bruto (PAB) na Região	6
3. População Activa Agrícola	9
4. Aproveitamento do Solo	15
5. Superfície Média da Exploração	21
6. Explorações por Conta Própria	33
7. Destino da Produção	39
8. Grau de Instrução e Idade dos Dirigentes	43
9. Presença e Actividade dos Dirigentes nas Explorações	49
10. A Contabilidade nas Explorações	53
11. Composição da População Activa Agrícola em 1981	55
12. Grau de Mecanização	65
13. Consumo de Adubos por Hectare	67
14. Indicadores de Intensidade Pecuária	71
14.1. Número de Bovinos por Hectare	72
14.2. Número de Ovinos e Caprinos por Hectare	74
Anexos	75
Bibliografia	87



Composto e Impresso no Instituto Politécnico de Bragança
Agosto/1985

